



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

AYLA PEREIRA DE CAMARGO

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO LIVRO DE  
INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA, DE ANTHONY  
GIDDENS: SOCIOLOGIA**

.

.

---

Londrina  
2013

AYLA PEREIRA DE CAMARGO

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO LIVRO DE  
INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA, DE ANTHONY  
GIDDENS: SOCIOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Aparecida Mariano.

Londrina  
2013

AYLA PEREIRA DE CAMARGO

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO LIVRO DE  
INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA, DE ANTHONY  
GIDDENS: SOCIOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Sociais da Universidade Estadual de  
Londrina, como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Silvana Aparecida  
Mariano  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Adriana Regina de Jesus  
UEL - Londrina - PR

---

Prof. Dr. Ileizi Silva Fiorelli  
UEL - Londrina - PR

Londrina, 11 de Novembro de 2013.

À minha família, meu namorado, amigos que sempre me apoiaram, incentivaram e acreditaram em mim em todos os momentos dessa jornada. À minha orientadora, que tanto me ajudou a persistir e concluir este trabalho.

E àquelas e àqueles que, assim como eu, acreditam na luta por um mundo mais coerente e justo aos gêneros.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, que sempre acreditou em mim e, mesmo a distância, compartilhou comigo momentos importantes da minha vida, dando todo o suporte para eu trilhar minha trajetória acadêmica até aqui.

Ao meu companheiro João Carlos de Pinho Junior, que acompanhou toda minha caminhada acadêmica, me apoiando e estando ao meu lado nas horas de alegria e de desespero.

Aos amigos e amigas Deise Souza, Ana Patrícia Hirooka e Jean Paulo Antunes por fazerem parte da minha vida de maneira tão significativa, mesmo que a distância às vezes exista e brinque com a gente. Sem vocês tudo seria muito mais difícil, vocês são as pessoas mais queridas que Londrina podia ter me dado. Amo muito!

À minha orientadora, professora Dra. Silvana Mariano, pela orientação acadêmica e por todo o trabalho que dei com a minha inexperiência. Obrigada por ter compartilhado comigo tantos ensinamentos. Meus sinceros agradecimentos.

Aos amigos e colegas que fizeram parte da minha vida em Londrina, em especial as companheiras de república, Dilene e Elisângela. Obrigada pelos momentos de alegria, das reuniões e de companheirismo compartilhados, respeitando os momentos intensos de estudo.

Agradeço imensamente a cidade de Londrina e a Universidade Estadual de Londrina, que me acolheram e me proporcionaram vitórias que levarei para a vida toda.

*“A fonte das relações desiguais entre os sexos é, afinal de contas, as relações desiguais entre os sexos” (Joan Scott).*

CAMARGO, Ayla Pereira de. **As relações de gênero no livro de introdução à sociologia de Anthony Giddens: Sociologia**. 2013. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

Esta pesquisa procurou investigar como o livro de introdução à Sociologia, *Sociologia*, 6ª edição, de Anthony Giddens, incorpora as contribuições do feminismo e dos estudos de gênero para uma possível compreensão e avanço das discussões acerca de temas de destaque nos estudos e no ensino de Sociologia, como, por exemplo, sexualidade, feminismo, homossexualidade, família e trabalho, entre outros temas cruciais para as Ciências Sociais. Buscamos compreender, desta forma, quais os aspectos positivos que os estudos de gênero têm atingido nas Ciências Sociais, para pensarmos nas possibilidades do alcance prático e teórico no ensino médio brasileiro, por intermédio da disciplina de Sociologia.

**Palavras-chave:** Introdução à sociologia. Feminismo. Ensino de sociologia. Questão de gênero.

CAMARGO, Ayla Pereira. **Gender relations in the book introduction to sociology of Anthony Giddens: Sociology**. 2013. 68 f. Completion of course work (undergraduate Social Sciences) - State University of Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

This research sought to investigate how the book Introduction to Sociology, Sociology 6th edition of Anthony Giddens, incorporated the contributions of feminism and gender studies for a possible understanding and advancement of discussions on hot topics in the study and teaching of Sociology, as, for example, sexuality, feminism, homosexuality, family and work, among other crucial issues for the Social Sciences. We seek to understand, therefore, what the positives that have achieved gender studies in the social sciences, to think of the possibilities of the theoretical and practical significance in Brazilian school, through the discipline of Sociology.

**Keywords:** Introduction to sociology. Feminism. Teaching sociology. Gender issue.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Foto de Harriet Martneau (1802-1976).....	29
<b>Figura 2</b> - Foto de uma família na extrema pobreza.....	33
<b>Figura 3</b> - Foto sobre a interação entre homens e mulheres na Arábia Saudita, altamente regulada .....	35
<b>Figura 4</b> - Imagem retratando um pai cuidando de um recém-nascido, exemplificando sobre novos contornos familiares no Ocidente.....	41
<b>Figura 5</b> - Foto de um casal homossexual na conquista pela adoção dos filhos, uma questão bastante controversa na maior parte do mundo .....	44
<b>Figura 6</b> - Foto de duas mulheres magras: a primeira menina magra pela pobreza que a impede de se alimentar, e a segunda magra por uma doença cada vez mais comum em países desenvolvidos: a anorexia. ....	46
<b>Figura 7</b> - Imagem de duas mulheres após a realização do casamento no civil, uma conquista, presente cada vez mais países no Ocidente .....	49
<b>Figura 8</b> - Imagem do grupo Village People, faz uma paródia extrema de formas “macho” de masculinidades .....	52
<b>Figura 9.A</b> - Dimensão de gênero existe em qualquer interação social. Mesmo a maneira como as pessoas se sentam demonstra uma socialização generificada .....	56
<b>Figura 9.B</b> - Dimensão de gênero existe em qualquer interação social. Mesmo a maneira como as pessoas se sentam demonstra uma socialização generificada .....	56
<b>Figura 10</b> - Imagem diz a respeito da abertura do sacerdócio para as mulheres, um passo controverso para muitos membros da igreja anglicana .....	61
<b>Figura 11</b> - Imagem diz a respeito da superação das meninas em reação aos meninos em todos os níveis da educação e na maioria das disciplinas.....	63
<b>Figura 12</b> - Imagem diz a respeito dupla jornada enfrentada por muitas mulheres, em casa e no trabalho remunerado.....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 FEMINISMO, GÊNERO E SOCIOLOGIA.</b> .....	13
2.1 O QUE ENTENDEMOS POR GÊNERO? .....	13
2.2 O FEMINISMO E SOCIOLOGIA .....	17
<b>3 CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO PARA A INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA</b> .....	28
3.1 DIÁLOGOS COM O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO: ANÁLISE DO LIVRO SOCIOLOGIA DE ANTHONY GIDDENS .....	28
3.2 Os CAPÍTULOS ESSENCIAIS SOBRE O DIÁLOGO COM O FEMINISMO E AS QUESTÕES DE GÊNERO .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou investigar como um livro de referência para a introdução à Sociologia incorpora as contribuições do feminismo e dos estudos de gênero para uma possível compreensão e avanço das discussões acerca de certos temas de destaque nos estudos e no ensino de Sociologia, como, por exemplo, sexualidade, feminismo, homossexualidade, família e trabalho, entre outros temas cruciais para as Ciências Sociais. Buscamos compreender quais os aspectos positivos que os estudos de gênero têm atingido nas Ciências Sociais para pensar nas possibilidades do alcance prático e teórico no ensino médio brasileiro por intermédio da disciplina de Sociologia.

Apresentamos alguns resultados de pesquisa que nos mostram de que maneira as contribuições do feminismo e a temática de gênero têm se relacionado com a área de Educação, especificamente na disciplina de Sociologia aplicada no ensino médio. A análise se deu a partir de um livro de introdução à Sociologia consagrado pela área. A escolha do livro deu-se pela investigação das bibliotecas de referências virtuais de vários Estados, disponíveis aos professores e professoras de Sociologia, como: Biblioteca do Professor - Proposta Curricular – Sociologia no ensino médio do Rio de Janeiro; Centro de Referência Virtual do Professor, do Governo do Estado de Minas Gerais; na Biblioteca do professor – disciplina Sociologia, no portal dia-a-dia educação do Governo do Estado do Paraná e; Material da Escola – Currículo do Estado de São Paulo. O livro analisado é *Sociologia*, 6ª edição, de Anthony Giddens<sup>1</sup>.

Em um primeiro momento, até pela inexperiência, havia feito a opção de analisar três livros de introdução à sociologia, porém, conforme o trabalho foi se adiantando pude perceber o quão seria difícil analisar os três livros. Decidi ficar com dois e, por fim, a seleção de apenas um dos livros, fato este que acabou mudando um pouco os critérios escolhidos inicialmente, direcionando o trabalho para uma pesquisa descritiva e não de análise e comparativa como fora proposto. A intenção inicial era analisar os temas de destaque dos estudos e no ensino de sociologia: Sexualidade; Feminismo; Homossexualidade; família; trabalho. Mas

---

<sup>1</sup> O livro também está sendo indicado nas referências bibliográficas do próximo concurso do Estado de São Paulo para professores para Educação Básica II.

acabou se transformando em uma descrição da obra como um todo, identificando os apontamentos para a temática de gênero em geral, em todos os capítulos do livro. Considerei positivo para uma primeira pesquisa poder conhecer o livro como um todo e traçar minuciosamente todos os capítulos que abordaram de alguma maneira as questões de gênero, o que possibilitou enxergar grandes ganhos do movimento feminista na sociologia.

A pesquisa procurou identificar de que modo os conhecimentos produzidos no campo dos estudos feministas e dos estudos de gênero são incorporados na obra selecionada, bem como as contribuições desses conhecimentos e suas eventuais lacunas para o tratamento das temáticas abordadas no ensino de Sociologia. Isto porque compreendemos que os livros de introdução são um importante instrumento para auxiliar os educadores e educadoras para a aplicação e a compreensão da disciplina, para se atualizarem com as novas pesquisas científicas, mais acentuadas e complexas do que as encontradas nos livros didáticos e, claro, como aporte teórico, visto que os professores e professoras da rede pública não dispõem de muito tempo para se dedicarem aos estudos.

A ideia é, concordando com Nogueira (2010), colocar aos educadores/as que são possíveis práticas pedagógicas coerentes com os novos tempos, sem a influência de questões morais e religiosas historicamente construídas, fazendo com que ocorram reflexões e mudanças em suas práticas pedagógicas. A tentativa é pensar a maneira como a Sociologia vem sendo aplicada, já que ela ainda navega em mares instáveis em relação à proposta dos currículos e das metodologias. Assim, pretende-se contribuir para a formação do pensamento sociológico, pois “o papel da sociologia na formação dos adolescentes e dos jovens dependerá do tipo de escola, de ensino médio e de currículo que iremos definir ao longo da história” (SILVA, 2007, p. 422).

Procuro demonstrar aqui como as discussões que surgiram das conquistas do feminismo e que estão inseridas também nas questões de gênero tornaram-se fundamentais enquanto conteúdo da Sociologia. Assim como a Sociologia buscou o seu espaço dentro da educação nacional, é preciso avaliar como as questões de gênero estão sendo tratadas dentro da disciplina de Sociologia. Como esse livro trabalha com os conceitos fundamentais da Sociologia? Em quais circunstâncias as abordagens adotadas pelo autor sobre esses conceitos

dialogam com as contribuições derivadas das perspectivas feministas? Os estudos feministas e de gênero têm logrado algum êxito na (re)definição dos conceitos sociológicos fundamentais? Quando isso ocorre, trata-se de alguma ampliação da capacidade explicativa do conhecimento sociológico?

Inicialmente, trabalhamos com a fundamentação teórica que dará o suporte para o desenvolvimento deste trabalho e algumas investigações que permitiram conhecer o contexto de nosso objeto de estudo e justificar a necessidade de pesquisas propositivas, como esta que nos propomos a realizar.

É importante, primeiramente, conceituarmos sociologicamente o termo “Gênero”, com o intuito de localizar em nossa pesquisa o seu entendimento, pois o mesmo, e alguns de seus desdobramentos, permeiam grande parte das discussões desenvolvidas. No segundo momento partiremos com a discussão do feminismo para a Sociologia e da Sociologia para o feminismo, pois a pesquisa se fundamenta ao redor dessa discussão, sendo necessário o entendimento dos impasses, das relações e das tensões entre o feminismo e a sociologia.

A análise apresentada no livro de introdução à Sociologia pode ser confrontada com a Lei de Diretrizes e Bases para Sociologia, apresentando as possibilidades de abranger os estudos de gênero no ensino médio e em especial na disciplina de Sociologia. Trazemos neste trabalho algumas contribuições para enxergarmos para onde estão caminhando as reflexões em busca de uma equidade social em relação a homens e mulheres. Assim, a ideia é entender como os múltiplos olhares que o Feminismo e os estudos de gênero tornaram possíveis, ou não, para as discussões a respeito das relações de desigualdades de gênero presente em quase todo o âmbito social no diálogo do ensino de Sociologia.

Apontando uma perspectiva de gênero no livro de introdução à Sociologia, poderemos nos debruçar para pensar sob a ótica de novas abordagens teóricas de ensino e, conseqüentemente, para adquirir a compreensão do debate de nosso sistema educacional. Esta análise é necessária para entendermos e direcionarmos os posicionamentos sociais, políticos e educacionais posteriores na luta para uma sociedade mais democrática e soberana para homens e mulheres.

## 2 FEMINISMO, GÊNERO E A SOCIOLOGIA .

### 2.1 O QUE ENTENDEMOS POR GÊNERO?

O conceito de gênero hoje abrange diversas pesquisas e estudos no universo acadêmico, como, por exemplo, em relação à homossexualidade, à violência doméstica e à sexualidade, entre outros. Os debates sobre gênero vêm dando nome a diversos estudos e responde pela construção social das diferenças entre os sexos (SCAVONE, 2008, p. 179). Desta forma, os conceitos de gênero estão sendo mais integrados às pesquisas sociológicas na academia brasileira e internacional. Em uma perspectiva sociológica, o conceito de gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente e produzida nas relações sociais humanas.

As evidências têm demonstrado que surgem com os estudos de gênero outras e novas formas de pensar a cultura, a linguagem, a arte e o conhecimento. Segundo Joan Scott (1990), as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1990).

Neste sentido, o conceito surgiu pela necessidade de expressar vários fenômenos sociais, que de uma forma ou outra, se encontram interligados. Há uma crítica por parte das feministas à ideia iluminista da existência de um sujeito único universal com características biológicas consideradas a-históricas, que fundamentam os discursos da dominação masculina (SCAVONE, 2008, p. 179). Joan Scott (1990) classifica gênero como uma análise histórica que procura entender o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica.

Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia (SCOTT, 1992, p. 179).

Entende-se que a dominação de gênero não é um dado natural, mais sim uma realidade mutável, construída historicamente ao longo de milhares de anos. A subordinação das mulheres nas sociedades ocidentais não foi construída no berço da sociedade capitalista, mas é anterior a ela. O sistema capitalista se

apropriou dessa subordinação, é necessário entendermos que a subordinação das mulheres não é fruto da sociedade capitalista, suas bases são anteriores a esse sistema. Porém, houve a reaplicação da subordinação das mulheres para o sistema capitalista (CEREGATTI, 2010). A subordinação das mulheres é anterior ao capitalismo e não se pode garantir que as desigualdades de gênero seriam ultrapassadas com o socialismo (SCOTT, 1990). O capitalismo se apropriou da desigualdade de gênero e acabou por acentua-la na sociedade de classes, pois essa apropriação se dá por meio das relações sociais, das instituições sociais, e também das normas de conduta. Por isso, é comum encontrarmos de forma explícita as mulheres sendo vistas como pertencentes ao mundo da casa, ao doméstico e ao cuidado dos filhos. As construções sociais se dão de forma tão intrínseca e arraigada, que na grande esmagadora maioria das vezes, se perpetua, em caminhos invisíveis. Muitas mudanças ocorreram em relação às mulheres e os padrões de gênero nas sociedades ocidentais durante o século XX, como veremos na análise do livro.

O “papel da mulher” como, por exemplo, dona de casa, responsável pela educação e cuidado com os filhos reflete-se nas áreas acadêmicas do ensino superior, onde os cursos como Pedagogia e Letras têm na maioria do seu público, mulheres. “A capacidade corporal feminina é relacionada à reprodução da espécie humana, que delimita o espaço da mulher na vida em sociedade; seu papel social de “cuidadora” confere-lhe uma posição hierárquica inferior em relação aos homens publicamente ativos e provedores” (SAYÃO, 2003, p. 123).

Para entendermos o conceito do termo gênero para a Sociologia, recorreremos a Joan Scott, uma das mais importantes teóricas sobre o uso do termo gênero. Scott segue a linha do pós-estruturalismo que tem como centro da análise a linguagem como chave de acesso à ordem simbólica. Para a autora, a desigualdade de gênero também está interligada com a associação persistente entre a feminilidade e a masculinidade. Assim, para entendermos essa relação de associação, é necessário nos atentarmos para os sistemas de significados e símbolos, e também analisar como o gênero está sendo articulado em nossa sociedade para elaboração de regras desses símbolos nas relações sociais. “A linguagem é o centro da teoria laciana; é a chave de acesso da criança à ordem

simbólica. Através da linguagem é construída a identidade de gênero” (SCOTT, 1990, p. 15).

Desta forma, entendemos que a linguagem é um lugar adequado para análise da realidade social, visto que a linguagem e os símbolos são variáveis e se encontram sempre em processo de construção. Ou seja, precisamos compreender como as ideias conscientes do masculino e do feminino estão sendo articuladas nas relações materiais, econômicas e interpessoais que são de fato sociais, e numa perspectiva mais ampla e histórica (SCOTT, 1990).

Com o intuito de abranger as relações sociais de maneira mais ampla e a produção feminista não se centrar somente nos estudos sobre mulheres de forma muito estreita e isolada, as pesquisadoras e estudiosas passaram a utilizar o termo “gênero” para introduzir uma noção analítica. Ainda surge outro questionamento crucial: a história dos homens é de importância tão fundamental quanto à história das mulheres. O objetivo do feminismo proposto por Scott, baseado no feminismo pós-moderno, é de entender a amplitude dos papéis sexuais em diversas sociedades e momentos históricos distintos e também o objetivo de compreender as persistências e as mudanças históricas. Busca-se, com essa perspectiva de análise, entender o sentido e o funcionamento da desigualdade para a manutenção da ordem social vigente, preocupa-se também com as variações e as mudanças sociais. Portanto, somente com o entendimento da construção complexa da desigualdade poderemos propor uma transformação.

Segundo Scott (1990), inscrever as mulheres na história, significa redefinir e alargar as noções tradicionais históricas. Com isso, o uso do termo “gênero”, passa-se a obter um caráter mais amplo dos estudos e não somente a questões relacionadas às mulheres, mas também a outras relações ligadas diretamente e indiretamente a elas. Assim o uso do termo gênero, “ainda que se referisse vagamente a certos conceitos analíticos, trata realmente da aceitabilidade política desse campo de pesquisa” (SCOTT, 1990, p. 6). A maneira como o feminismo poderia incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria da maneira como o gênero seria desenvolvido enquanto categoria de análise.

Na perspectiva histórica pós-estruturalista, o gênero é uma categoria imposta socialmente, mas contém variações e contradições. Tornou-se uma categoria particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática

sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. O uso do termo “gênero” coloca ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. Desta maneira, o conceito é utilizado para assinalar as relações sociais entre os sexos e tornou-se uma maneira de indicar as construções sociais. Com isso, podemos pensar sobre os papéis próprios, dados aos homens e às mulheres, desde seu nascimento, e por quais razões as construções sociais são construídas desta forma (SCOTT, 1990).

O debate entre as feministas pós-estruturalistas inicia-se na rejeição do essencialismo daqueles que defendem que “as exigências da reprodução biológica” determinavam a divisão sexual do trabalho pelo capitalismo. Segundo Scott,

O “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iriam impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente (SCOTT, 1990, p. 6).

Com relação ao movimento feminista na perspectiva política, podemos destacar também os movimentos de mulheres. A chamada segunda onda do movimento feminista surgida na década de 1970, trouxe consigo uma proliferação de estudos sobre as mulheres e de sua recolocação no mundo. Isto parecia exigir uma perspectiva, que daria conta de explicar as continuidades e discontinuidades, e as desigualdades persistentes. As feministas sentiam a necessidade de ampliar o debate para os sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder, da divisão sexual do trabalho, e dos sistemas de significados,

Vem à tona uma multiplicidade de questionamentos sobre as contradições sociais e suas imposições e implicações. Junto com todos os conflitos presentes no feminismo e no movimento de mulheres, borbulhavam novas aflições oriundas das desigualdades de sexo, classe e raça. O feminismo e o movimento de mulheres já não davam conta de abarcar todos os conceitos e as consequências que as desigualdades de gênero traziam. “O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1990, p. 7). Essa

efervescência, como lembra Scavone, emergiu principalmente na Europa,

“É sempre bom lembrar que a consolidação do campo de estudos “sobre mulheres” – como eram denominados, nesse período, os estudos de gênero – emerge paralelamente à eclosão da fase contemporânea do feminismo, especialmente na Europa pós-68 e nos Estados Unidos” (SCAVONE, 2008, p. 175).

Os estudos feministas carregam consigo a carga de ser um estudo voltado apenas às “mulheres”, o que não era entendido como grande contribuição para a Sociologia e para as ciências sociais. Para que o feminismo fosse “levado a sério” como um novo campo de estudo, era preciso a re colocação dos estudos feministas para uma análise mais abrangente e que pudesse “contribuir para a Sociologia”, e de certa forma incluir novas análises do campo de estudo. Por isso, muitas pesquisadoras(es) passaram a substituir o termo “mulheres” para o termo “gênero”, pois, trata-se de um empreendimento teórico metodológico.

Os estudos de gênero nos dias atuais ganharam força dentro das ciências sociais, o que podemos verificar pela quantidade de debates em congressos, simpósios, teses, dissertações e trabalhos acadêmicos de conclusão de curso entre outros. Isto ocorre justamente pela multiplicidade de olhares que esses estudos podem aplicar sobre determinados fenômenos em busca de uma sociedade com ênfase na igualdade entre homens e mulheres. No próximo item deste capítulo, veremos de que forma a Sociologia tem lidado com os aportes teóricos levantados pelo movimento feminista e os estudos de gênero.

## 2.2 O FEMINISMO E SOCIOLOGIA

Já pontuado o conceito de gênero para a Sociologia, na perspectiva pós-estruturalista, a partir de Joan Scott, neste capítulo refletiremos sobre a linha tênue entre o feminismo e a Sociologia. O debate se torna mais amplo quando nos adentramos no universo dos aportes teóricos das Ciências Sociais, mais especificamente a Sociologia, ciência confrontada e analisada nesta pesquisa. Diversas pesquisadoras Feministas das Ciências Sociais, como Joan Scott, Nancy Fraser, Judith Butler, Guacira Louro, entre outras, lutaram e ainda lutam, pela inclusão das contribuições científicas do feminismo no próprio campo sociológico, de

maneira prática e objetiva.

Com a emergência de novos conflitos e fenômenos sociais, a Sociologia vem encontrando novos desafios para reformulação de antigas análises com novos questionamentos. Assim, um desses novos sujeitos sociais é o feminismo, que trataremos aqui como incluso nas questões de gênero, como movimento político e como pensamento social. O feminismo trouxe novas indagações e questionamentos sobre as relações sociais estabelecidas em nossa sociedade. Segundo Mariano, esse novo sujeito tem colocado em suspenso a validade de muitas categorias com as quais a Sociologia estava habituada a operar (MARIANO, 2008).

Heleieth Saffioti (2000) defende a reformulação de velhos conceitos e a formulação de novos. A autora baseia-se em três contradições existentes nas sociedades capitalistas e fundamentais para a existência dessa sociedade: “gênero, raça/etnia, e a de classe”. O que denomina de “nó formado pelo patriarcado-racismo-capitalismo” (SAFFIOTI, 2000, p. 74). Ou seja, é impossível, pensar no econômico desvinculado do político, esse nó envolve não somente o econômico e o político (o que já está abarcado na obra de Marx), mas envolve também o cultural e o simbólico.

Em nosso sistema vigente, a uma imagem e uma simbologia, construída de que às mulheres possuem uma feminilidade própria, e que o mesmo é feito em relação aos homens que devem possuir uma masculinidade própria e biológica, essa construção acontece de forma abrangente e assustadora. Desta forma, o feminismo pós-moderno, também desafia a ideia de que existe uma base unitária de identidade de e experiência compartilhada por todas as mulheres (GIDDENS, 2012, p. 444).

Entende-se que é preciso haver uma redefinição do político, e ampliação dos limites para transformar os sentidos anteriormente essencializados “como aqueles construídos sobre o corpo, o público e o privado, o homem a mulher, a escola e a docência” (SAYÃO, 2003, p. 141).

Como vimos, um dos eixos do feminismo é analisar as formas de poder instauradas na sociedade capitalista. As linhas críticas do feminismo se estendem à crítica a um sujeito universal, às formas de padronização das mulheres, às questões da saúde, da violência, do trabalho, da religião e da cultura. Todas

essas relações estão marcadas por analogias de poder e dominação entre os sexos e há uma multiplicidade das reflexões trazidas pelo movimento feminista e de mulheres. Os estudos de gênero buscam o reconhecimento da diversidade e multiplicidade das relações sociais. Porém, é necessário um cuidado com a análise desses problemas, pois não podemos mascarar a compreensão das outras relações sociais associadas ao feminismo, como classe, raça/etnia (SCAVONE, 2008).

O início do “novo feminismo” foi marcado pela entrada da mulher no mercado de trabalho, em uma sociedade urbano-industrial moderna, ampliando-se consecutivamente no decorrer do século XX. Antes deste período as mulheres já viviam a dupla jornada de trabalho (doméstica e extradoméstica) e, com isto, a responsabilidade de conciliar vida profissional com vida familiar. Um importante acontecimento na década de 1960 e marcante na história das mulheres, para a autonomia sexual, foram à chegada da pílula anticoncepcional, “dando possibilidade às mulheres de escolherem o número de filho/as que desejavam e romperem com o determinismo biológico e social da maternidade” (SCAVONE, 2008). Todavia, tal possibilidade de escolha não está igualmente disponível a todas as mulheres, nos diferentes contextos sociais e estratos econômicos.

As lutas feministas foram marcadas pelas ressonâncias das lutas por justiça social, por lutas de reconhecimento de identidade, por direitos políticos e sociais. Nesta perspectiva, percebemos o movimento feminista e o seu compromisso com as transformações das relações de dominação e poder masculino, fazendo-se presente em diversos contextos sociais. O feminismo buscou abarcar os problemas que constituem “as relações de gênero na sociedade, trazendo-os para o debate e a reflexão políticas e sociais, mais amplas, associando-os, em determinadas análises, à classe e à raça, especialmente no Brasil e no restante da América Latina” (SCAVONE, 2008, p. 176).

Segundo Scavone, o novo feminismo tem sido delimitado por etapas históricas. Ela faz referência a Judith Butler para citar três grandes fases, que são comumente referidas:

A fase universalista, humanista ou das lutas igualitárias pela aquisição de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista e/ou essencialista, das lutas pela afirmação das diferenças e da identidade; e uma terceira fase, denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que deu apoio às teorias dos

sujeitos múltiplos e/ou nômades. Em termos de Brasil e América Latina, as contradições de classe e raça marcaram muito as temáticas trabalhadas (SCAVONE, 2008, p.177).

Segundo Soares (1998), o feminismo é uma ação política das mulheres, que se dão como sujeito histórico do processo de transformação de sua própria condição social. As possibilidades são necessárias para as mulheres poderem usufruir dos direitos, e, mais do que isso, questioná-los, interferindo onde for preciso com liberdade e respeito. O feminismo é uma luta cuja discussão, entre outras, faz menção não apenas da mulher ter de se dedicar ao trabalho fora de casa, mais ao companheiro assumir as responsabilidades de dentro de casa juntamente com sua companheira (MORAES, 1996). A dupla jornada das mulheres passa a ser um dos eixos centrais nas discussões feministas. Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes,

A história do feminismo marxista contemporâneo é marcada pela denúncia da dupla jornada de trabalho e a necessidade de se repensar o valor do trabalho doméstico. A outra vertente importante concentra-se no tema da sexualidade e na denúncia da dupla moral sexual existente. Logo, duas questões cujo embate pessoal é imediato: são problemas concretos que enfrentamos no cotidiano (MORAES, 1996, p. 4).

A contribuição da crítica feminista e dos estudos de gênero à Sociologia tem características de comprometimento político e de uma “não neutralidade” na forma de introduzirem novas abordagens e questões científicas à Sociologia. O feminismo foi tratado pelos teóricos da Sociologia, e por vezes ainda o é, como um estudo paralelo, o próprio entendimento de tratá-lo como ciência foi negado por vários pensadores, o que trouxe certa confusão às ciências sociais. Quando os estudos de gênero passaram a ser entendidos, por alguns(mas) pesquisadores(as), como categoria analítica, ganhou espaço no cenário científico e pode com isso apropriar-se de diversos debates, como sexualidade, homossexualidade, divisão sexual do trabalho, entre outros. Houve desta forma, maior abrangência dos estudos feministas (SCAVONE, 2008).

Segundo Mariano (2008), a Sociologia, tal como se constituiu na sua formação, clareou muitos dos fenômenos da sociedade moderna, porém também contribuiu para a ocultação de alguns deles. Esta invisibilidade foi dada à participação das mulheres e de outros “grupos sociais que se encontram em

desvantagens sociais na sociedade e na produção de conhecimento” (MARIANO, 2008, p. 350). Durante um longo período houve uma invisibilidade da contribuição teórica das mulheres.

Um dos fatores mais importantes do feminismo para a Sociologia é pensar e colocar a mulher como sujeito atuante da história. A sociologia feminista defendida por Scavoni (2008) trás um engajamento político e crítico com novos olhares e perspectivas sociais, desmembrando as relações existentes nos fenômenos sociais, com olhares peculiares para os sujeitos da história, homens e mulheres. Esta Sociologia está atenta para as relações de dominação masculina e não dispensa o diálogo das teorias com o movimento e a realidade social (SCAVONE, 2008). As implicações políticas e científicas dos estudos de gênero emergiram do diálogo com as teorias sociais.

A dominação masculina foi legitimada em defesa da família tradicional, em nome de uma ordem social. Para assegurar a ordem social, postularam-se princípios políticos e teóricos que assegurassem a dominação masculina. O movimento feminista questiona uma ordem sexual tida como natural, e a partir das primeiras reflexões, a dominação masculina toma corpo, pois como “explicar a ausência das mulheres na política? Por que a educação familiar e escolar define e reitera funções e ‘papéis’ sociais sexuados? E por que a recorrência da violência de gênero, da sexualidade domesticada, da identidade enclausurada?” (SCAVONE, 2008, p. 178). Essas preocupações foram pululando como as questões de gênero no trabalho, na saúde, na política e na família, na ausência dos direitos específicos no que se refere aos direitos reprodutivos das mulheres, como o direito ao aborto. São inúmeras as questões relacionadas à saúde reprodutiva e à forma como a saúde da mulher é tratada em nossa sociedade, como a esterilização feminina, as cesarianas desnecessárias, a mortalidade materna, entre outras (SCAVONE, 2008). Outras questões questionadas pelo movimento feminista são,

A violência doméstica, sexual, familiar, a pouca presença das mulheres nos espaços públicos de poder institucional, a responsabilidade feminina pelo espaço privado, o machismo manifesto e o dissimulado, e o assédio sexual e moral no trabalho constituem-se alguns dos inúmeros problemas sociais e sociológicos que passaram a ser tratados pela Sociologia sob a ótica de gênero por meio de pesquisas empírico-teóricas (teses, dissertações, monografias, livros, artigos), tornando visíveis as implicações sociais,

políticas e econômicas da dominação masculina (SCAVONE, 2008, p. 178).

Uma das questões cruciais para o feminismo é que o mundo é “dividido nas suas relações sociais de sexo, dominado por um sistema patriarcal, cuja dominação é masculina” (SCAVONE, 2008, p. 183). Na Sociologia, os estudos de gênero vão, de acordo com as reflexões políticas e sociais levantadas pelos movimentos feministas, partindo para uma análise mais ampla de teorias, métodos e hipóteses, procedimentos de pesquisa, além do acúmulo teórico, científico e político. À Sociologia cabe um olhar profundo para as relações sociais de gênero. Porém, segundo Scavone, houve demasiadamente “a omissão da produção dos estudos feministas e de gênero pela Sociologia dominante” (SCAVONE, 2008, 183).

A Sociologia, desde o seu início, abarca, como um dos seus pontos centrais, os estudos sobre as relações de dominação, a partir de diversas formas de abordagem. Portanto, podemos concluir que a dominação sexista deve ser mais uma forma de análise para as relações de poder. Porém, é importante salientar, concordando com Mariano, que “não basta, entretanto, que se produzam crítica feminista e teorias feministas para iluminar esses “pontos cegos” da tradição sociológica” e nem basta “incorporar, nesse campo, temas valorizados pelos estudos feministas”. É preciso “obter reconhecimento no campo científico sociológico, o que remete a questão a uma outra ordem de obstáculos” (MARIANO, 2008, p. 352). Neste sentido, é importante compreendermos e nos atentarmos para como esses temas serão tratados, pois o “risco da naturalização está sempre presente” (MACHADO, 1994, p. 5 *apud* MARIANO, 2008, p. 353).

Desta maneira, entendemos que é preciso buscar novas formas de agir em relação ao mundo, que, ao impedirem a recriação de outras relações de poder, poderiam dar lugar ao cultivo de uma ética fundada em uma estética da existência e realizar uma das premissas paradigmáticas do movimento feminista contemporâneo: a de que o privado também é político (MARIANO, 2008).

Assim para pensarmos nas relações de gênero, e nas implicações sociológicas dos estudos de gênero, é necessária a compreensão das perspectivas Sociológicas atuais. Desta forma, o marxismo, fundamental para as análises sociológicas, também foi fundamental para as análises feministas, nas quais os estudos se orientaram para problematizar a desnaturalização das desigualdades

entre homens e mulheres. Apesar das muitas críticas ao marxismo, são inevitáveis suas contribuições para o feminismo, pois foi a partir do marxismo que surge a possibilidade de se “pensar sobre o nó, patriarcado-racismo-capitalismo”. (SAFFIOTI, 2000, p. 73 *apud* MARIANO, 2008, p. 354).

Um dos apontamentos levantados por Mariano é a ótica pela qual se dão as contribuições das teorias feministas e dos estudos de gênero. Ela aponta que as teorias feministas não são absorvidas com facilidades pela Sociologia e demais áreas do conhecimento. Portanto, podemos encontrar facilmente o feminismo nos livros como um reconhecimento político e não como um reconhecimento sociológico (MARIANO, 2008). No início da década de 1960, no cenário brasileiro, as feministas centravam-se nos estudos sobre as mulheres. Ao longo dos anos a discussão feminista lançava luz sobre outros questionamentos. Assim, por volta da década de 1980,

Crescem os questionamentos no interior das produções feministas, lançando dúvidas sobre seu caráter também universalista e normativo. Feministas negras, feministas pobres e feministas lésbicas apontaram os limites das análises feministas que reproduzem o padrão dos pares binários, dessa vez em termos de sexo/gênero (MARIANO, 2008, p. 356).

Havia muitas dificuldades em torno da discussão dessas novas articulações com a questão da raça, classe com as questões de gênero, o que acarretou novos direcionamentos do debate feminista, pois, além da desigualdade existente entre homens e mulheres havia as desigualdades entre às próprias mulheres. Esse processo resultou em mudanças epistemológicas para o debate feminista (MARIANO, 2008).

Com novos olhares, o feminismo se aproxima da compreensão dos diversos modos de opressão. Porém, o seu espaço no meio científico para respaldar esses novos olhares ainda estava restrito. A ciência é marcada pelo “andocentrismo”, para usar a expressão de Mariano (2008). O debate científico não permitia a posição de gênero e muito menos o posicionamento das mulheres como sujeitos do conhecimento, em prol da objetividade em relação ao sujeito (MARIANO, 2008).

Durante muitos anos houve uma naturalização das desigualdades de gênero no seio da Sociologia clássica, contudo, segundo Mariano, a Sociologia

praticada atualmente ainda apresenta resistências à incorporação das contribuições feministas. Os estudos relativos ao cotidiano e à experiência, como era o caso dos estudos feministas, precisam de maior espaço das análises mais subjetivas. “Os estudos feministas instituem, portanto, críticas às noções de “objetividade”, “neutralidade” e à relação sujeito/objeto” (MARIANO, 2008, p. 357).

No contexto da Sociologia e pensando na compreensão das contribuições feministas para a Sociologia, a questão fundamental que a autora coloca é que, nessa perspectiva, por vezes, “os estudos sociológicos incluem “gênero” como um adendo ou uma ressalva, sem, no entanto, incorporar suas contribuições para a análise” (MARIANO, 2008, p. 353).

É mais que necessário avaliarmos se os estudos de gênero estão incorporados adequadamente aos estudos sociológicos e se as contribuições dos movimentos feministas e dos estudos de gênero estão sendo oferecidas pelas disciplinas como Sociologia, Antropologia, História, Literatura e Filosofia. Uma clássica área da Sociologia, por exemplo, é o trabalho e a vida econômica. Com análise do livro de Anthony Giddens, perceberemos se o feminismo trouxe luz às análises, como: a divisão sexual do trabalho, trabalho doméstico, assédio sexual entre outros. Com isso, as noções de trabalho e economia, trabalho e alienação, dominação e subordinação ganharam novos leques de questionamentos.

Violência doméstica, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, saúde reprodutiva, entre outros, são temas que se tornaram indispensáveis para o Ensino Médio e indissociável dos estudos de gênero. Com isso, os estudos de gênero possibilitaram novos olhares aos sujeitos e aos fenômenos sociais. Há uma nova sensibilidade com o olhar feminista. “E uma multiplicidade de condições sociais constituídas por critérios de classe, raça/etnia, sexualidade, geração e religião” (MARIANO, 2008, p. 359). O que também ocasionou certo desconforto para os pensadores/as tradicionais da Sociologia, que provocou uma espécie de “gueto restrito do feminismo”. Como ressaltou Mariano (2008, p.360),

As teorias feministas que defendem o pressuposto de que o sujeito, marcados por diferenças de gênero, raça/etnia, sexualidade, classe social, geração, entre outras, está implicado no conhecimento que produz colocam questões de ordem epistemológica para a Sociologia, questões que tratam do que conhecemos e como conhecemos.

Os estudos de gênero passavam a ser encarados como uma área específica, uma especialidade à parte da ciência sociológica. “Tratar de gênero é tratar do *outro*, eis a razão para que muitas vezes esses estudos sejam conservados nas margens” (MARIANO, 2008, p. 361). Essa característica contribui para explicar a dificuldade de incorporar os estudos e as teorias de gênero nas grades curriculares dos próprios cursos de Sociologia ou Ciências Sociais. Historicamente as feministas têm revelado que o gênero exerceu muita influência nas abordagens dos cientistas em geral, incluindo a Sociologia. “Portanto, a ciência, e conseqüentemente as teorias, têm gênero, um gênero particular, que se pretende universal – o masculino” (MARIANO, 2008, p. 362).

Nas Ciências Sociais e na Sociologia, uma das críticas mais ácidas dos estudos de gênero é encontrada na noção de complementaridade entre os papéis sexuais. Há uma invisibilidade legitimada nas relações desiguais e de subordinação entre homens e mulheres. Muitos temas relevantes para a Sociologia passam, de forma despercebida, pelas abordagens que surgem, como se o debate sobre desigualdade de gênero estivesse num mundo paralelo. Segundo Mariano “a invisibilidade da experiência feminina e da produção feminista é corrente nos estudos sociológicos” (MARIANO, 2008, p. 363).

Desta forma, é necessário que se provoque um impacto nos paradigmas da Sociologia, e não apenas que haja a incorporação das mulheres aos paradigmas vigentes nos diversos campos disciplinares. Mariano lembra que as produções científicas carregam um caráter marcadamente “masculinista”, o que já principia que as feministas se “insiram nesse campo de poder como o *outro*, de modo que suas produções raramente gozem do mesmo *status* científico das teorias produzidas por pensadores” (MARIANO, 2008, p. 367). Outra questão levantada pela autora é com relação ao *status* dos grandes cientistas,

Observe-se, por exemplo, que as listas dos “grandes pensadores”, “grandes cientistas sociais” e “importantes sociólogos”, clássicos ou contemporâneos, são compostas na maioria por homens [...] Observem-se, ainda, as dificuldades para tradução no Brasil de importantes teóricas feministas. Vê-se, então, que o gênero do autor parece ser um critério incorporado na classificação das obras e em sua difusão (MARIANO, 2008, p. 367)

Nas ciências sociais, o antigo debate sobre “objetividade” do conhecimento induz ao pensamento de que o masculino é pleno de condições para produzir um conhecimento dado como objetivo, e os pensamentos femininos serão compostos de estudos presos às suas especificidades e subjetividades. No entanto, na perspectiva do feminismo pós-estruturalista esta limitação não leva em conta a sociedade como uma totalidade, isto porque os indivíduos não se dão de formas isoladas, a subjetividade caminha junto com a objetividade.

Outra questão que se deve levar em consideração é posta por Donna Haraway (2006) sobre a importante luta feminista pela apropriação do uso da linguagem. A autora defende que as mulheres não aparecem onde deveriam na linguagem, e que uma importante luta feminista é a canonização da linguagem, das políticas narrativas históricas, para compreensão da participação das mulheres como sujeita na história (HARAWAY, 2006).

A linguagem representa histórias específicas do movimento de mulheres nas vastas áreas do mundo. Assim, gênero tomou uma visibilidade essencial em âmbitos globais, justamente pela conotação a linguagem e a sua representação. O final do século XX é marcado pela “corporificação das tecnologias da escrita. Isto é parte da implosão de gênero no sexo e na linguagem, na biologia e na sintaxe, possibilitada pela tecnociência ocidental” (HARAWAY, 2006, p. 205). A autora defende a relação sexo/ gênero, pela necessidade de uma teoria da “diferença”,

Cuja geometria, paradigmas e lógica escapem aos binarismos, à dialética, aos modelos natureza/cultura de todo tipo. Do contrário, três serão sempre reduzidos a dois que logo se tornam um solitário um na vanguarda. E ninguém aprende a contar até quatro. Essas coisas têm importância política (HARAWAY, 2006, p. 207).

Concordando, com as ideias das feministas socialistas norte-americanas, que deram origem ao conjunto mais óbvio de textos para acompanhar literalmente o “sistema de sexo/gênero”, a autora argumenta que um sistema pautado sobre sexo/gênero é extremamente legítimo (HARAWAY, 2006).

Desta maneira, o que propomos é pensarmos o modo como geralmente se ensina Sociologia, tanto através do uso da linguagem, como a partir dos exames das teorias e dos fenômenos sociais sob a ótica feminista. Isto equivale

a desenvolver uma práxis conforme a este objetivo.

Acreditamos que os debates acerca do feminismo e dos estudos de gênero podem auxiliar a busca pela igualdade social. O gênero, conforme construído nos dias de hoje, gera e ajuda a manter as desigualdades sociais. É necessário nos apropriarmos do debate dentro do ensino, trabalhando em prol de uma sociedade com leis aplicáveis e justas a homens e mulheres (HARAWAY, 2006).

### 3 CONTRIBUIÇÕES DO FEMINISMO NO LIVRO DE INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA

#### 3.1 DIÁLOGOS COM O FEMINISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO: ANÁLISES DO LIVRO SOCIOLOGIA DE ANTHONY GIDDENS

O livro *Sociologia*, de Anthony Giddens, está em sua 6ª edição. A escolha desse livro se deu pelo fato de ele ser indicado em diversos estados nas bibliotecas dos/as professores/as, tais como os Estados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre outros. Recentemente este livro também estava presente nas referências bibliográficas do concurso para professores de Sociologia da rede básica do Estado de São Paulo. Para analisá-lo, tentarei observar no decorrer dos seus vinte e três capítulos distribuídos em setecentos e cinquenta e uma página, as contribuições dos estudos de gênero para a análise das relações sociais através da Sociologia.

Para o exame do livro, parti da escolha de observar e analisar as páginas onde se encontram explicitamente as indicações sobre os estudos de gênero, mulheres, família e feminismo, entre outros. Dos vinte e três capítulos, o livro de Giddens reserva dois capítulos específicos para debater as questões sobre família, sexualidade e gênero. O capítulo nove, *Famílias e Relacionamentos Íntimos*, e o capítulo catorze, *Sexualidade e Gênero*.

Uma das críticas que aponto, desde já, é que, concordando com o conceito de Joan Scott (1990), a linguagem preserva uma forma de dominação. Nesta perspectiva, o livro segue em todo seu contexto com diversas palavras apenas no masculino. Palavras que deveriam englobar o masculino e também o feminino<sup>2</sup>. Uma das palavras mais utilizada nos contextos gerais do livro é **sociólogos**. Mesmo quando o texto trata de um estudo oriundo de uma **socióloga**, permanece o termo no masculino, como se o mesmo fosse uma palavra neutra. Mas não o é. A palavra somente ganha o feminino quando a citação é direta.

---

<sup>2</sup> Porém, é possíveis haver problemas derivados da tradução, afinal, o português é muito mais generificado do que o inglês. No inglês existe o gênero neutro, o que não existe em português. Deve-se considerar a possibilidade de que parte desse deslize seja atribuída a quem fez a tradução do livro.

No capítulo um *O que é Sociologia?* Os autores clássicos das Ciências Sociais são apresentados. Interessante que no final deste capítulo aparecem, em forma de quadro, os *fundadores negligenciados da Sociologia*, onde encontramos Harriet Martineau (1802-1876). Um breve texto é apresentado sobre Harriet Martineau como a primeira socióloga, “Martineau hoje recebe o crédito de ter introduzido a Sociologia na Grã-Bretanha, com sua tradução do tratado de Comte, *Filosofia positiva*” (GIDDENS, 2012, p. 30). Ao citar Rossi (1973), Giddens fala sobre o estudo pioneiro que a autora realizou na sociedade norte-americana, na década de 1830, e sobre seus estudos com olhar voltado para as mulheres, as instituições sociais, a família, a igreja e as relações sociais, referindo-se a Martineau como “uma ativa proponente dos direitos das mulheres e da emancipação dos escravos” (GIDDENS, 2012, p. 30). Podemos observar a imagem apresentada no contexto do livro:

**Figura 1** - Foto de Harriet Martneau (1802-1976)



**Fonte:** Giddens (2012, p. 30).

---

<sup>3</sup> Foto de Harriet Martneau (1802-1976). Imagem retirada do livro *Sociologia* 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 30).

No capítulo três, *Teorias e Perspectivas sociológicas*, encontramos a figura 3.1 com os/as teóricos/as associados/as ou inspirados/as pelas diferentes perspectivas sociológicas, identificados como: pensadores filosóficos, funcionalismo, marxismo, interacionismo, feminismo, pós-modernismo/pós-estruturalismo e sínteses teóricas. Encontramos citadas nesta coluna as sociólogas Harriet Martineau (1802-1876), Simone de Beauvoir (1908-1986), Betty Friedan (1921-2006), Judith Butler (1956-) e Vandana Shiva (1952-). Nos nomes selecionados, podemos perceber como há uma predominância dos pensadores masculinos nas ciências sociais (GIDDENS, 2012, p. 64).

Seguindo no mesmo capítulo, há uma passagem sobre *Dilemas teóricos*, onde o autor discute sobre as controvérsias encontradas nos teóricos clássicos, e relata que “a sociologia em geral criou uma série de dilemas teóricos” (GIDDENS, 2012, p. 64). E que alguns desses dilemas “são ligados às questões bem gerais relacionadas com a maneira como interpretamos as atividades humanas e instituições sociais” (GIDDENS, 2012, p. 64). Giddens apresenta quatro dilemas e entre eles destaca o 3º, sobre a negligência das questões de gênero. O autor coloca a negligência das questões de gênero como um dilema básico que é praticamente excluído nas “tradições ortodoxas da sociologia, mas que não pode ser ignorado” (GIDDENS, 2012, p. 64). A posição do autor é de que as questões de gênero devem ser incorporadas satisfatoriamente nas análises sociológicas. Nesta perspectiva, Giddens faz uma crítica a Durkheim, que coloca o homem como formado pela sociedade e, portanto, um sujeito sociável, e as mulheres como seres da natureza. O autor defende neste trecho que hoje temos uma noção mais ampla de identidade e que a identidade feminina é tão moldada pela socialização quanto a dos homens. O autor também remete a Marx que “discorda substancialmente” da visão de Durkheim, e defendeu que “as diferenças de gênero em relação ao poder e ao *status* entre homens e mulheres refletem principalmente em outras divisões, especialmente, em sua visão da divisão de classe” (GIDDENS, 2012, p. 77 e 78).

Ainda no capítulo três, encontramos também evidenciado o trecho sobre a *Igualdade de gênero e a teoria feminista*. O autor ressalta a ascensão do movimento feminista e o seu impacto dentro da Sociologia, levantando o questionamento sobre como houve uma dominação masculina na Sociologia. A manifestação do autor indica que o feminismo colocou essa dominação masculina

em cheque e que também trouxe “um apelo para a reconstrução da própria disciplina” (GIDDENS, 2012, p.79). Neste capítulo uma das discussões sobre a relação da sociologia com o feminismo, é levantada por Giddens:

As feministas muitas vezes dizem que a teoria sociológica tradicional negou ou ignorou o viés de gênero do conhecimento e projeta concepções do mundo social que são dominadas pelo masculino. Os homens tradicionalmente ocupam posições de poder e autoridade na sociedade e investem em manter seus papéis privilegiados, segundo a posição feminista. Nessas condições, o conhecimento generificado se torna uma força vital para perpetuar os arranjos sociais estabelecidos e legitimar a dominação masculina (GIDDENS, 2012, p. 79).

O texto ainda faz referências a Donna Haraway (198, 1991), Hélène Cixous (1976) e Judith Butler (1990, 1997, 2004). Reflete brevemente sobre a influência do pós-estruturalismo e da pós-modernidade para algumas feministas e sobre o desenvolvimento do feminismo desde a década de 1980, lembrando que atualmente as teorias feministas e gays questionam se existe um fator essencial que representa o gênero.

No decorrer do livro existe um campo ao final de alguns assuntos que o autor denomina de *Reflexão Crítica*, propondo ao leitor que reflita sobre o assunto debatido. Nessa sessão o autor questiona se “a igualdade de gênero foi alcançada de algum modo no mundo desenvolvido?” (GIDDENS, 2012, p 80). Quando se levanta essa questão podemos explorar as novas formas de vida das famílias e das mulheres no cenário geral. A conquista ao voto, ao próprio uso da calça *jeans* e do biquíni, o direito ao divórcio, a saúde ginecológica pública entre várias outras conquistas das mulheres no mundo atual.

No mesmo quadro o que me incomodou um pouco foi a sua segunda questão: “Ainda existe espaço para movimentos e teorias feministas, em uma área de ampla igualdade de gênero?” (GIDDENS, 2012, p.80). Penso que da forma como fora colocada temos a impressão de que há uma ampla igualdade de gênero no mundo atual, o que não é verdade, considerando desta maneira uma visão eurocêntrica, por parte do autor. Isto porque, em realidades sociais como a latino-americana, por exemplo, a pobreza, para citarmos apenas uma situação, ainda está influenciada pelo gênero, e fenômenos sociais como o estupro e a violência doméstica apresentam altos índices. Em seguida, o autor questiona “Que

questões as feministas devem enfocar atualmente para abordarem as preocupações de mulheres mais jovens?” (GIDDENS, 2012, p.80). O que se pode entender como uma questão relevante para trabalhar em sala de aula com os/as alunos/as, visto que, há ainda muita luta pela frente, inclusive lutas que são encaradas como femininas como mais vagas em creches brasileiras. Garantir uma vaga na creche para poder trabalhar não é uma luta individual da mulher, ao contrário é uma luta para os indivíduos da família. A saúde feminina também precisa de uma atenção especial dos setores públicos, pois, diariamente são vítimas de maus tratos em casos de aborto, cesárias, entre outras.

O capítulo seis, *Cidades e Vida urbana*, fala sobre as cidades e suas novas demandas. No decorrer dos capítulos, além do quadro *Reflexão Crítica*, há também em destaque nas páginas do livro o quadro *Usando sua imaginação sociológica*. Neste capítulo, no referido quadro, o autor descreve que a partir de uma perspectiva feminista muitas autoras se dedicaram a elucidar como as cidades refletem as relações de gênero desiguais na sociedade. Giddens faz referência a Jo Beall (1998), lembrando seus estudos de como as cidades foram projetadas e pensadas para homens, pois, as mulheres não ocupavam os espaços públicos. O autor relata que o “crescimento da cidade no século XIX é associado à separação dos gêneros” (GIDDENS, 2012, p.167). Como ele mesmo destaca no livro:

De fato o desenvolvimento da cidade possibilitou oportunidades que as formas não urbanas de vida não podiam proporcionar. Com a emergência do trabalho de colarinho branco feminino na cidade e, mais adiante, com a expansão dos setores de serviço, as mulheres entraram cada vez mais para a força de trabalho. Assim, a cidade ofereceu às mulheres uma fuga do trabalho não remunerado no lar, que não existia em nenhum outro local (GIDDENS, 2012, p.167).

Neste trecho podemos perceber que há uma menção ao trabalho doméstico não remunerado desempenhado pelas mulheres, fato importante para a compreensão da desigualdade de gênero. Há também uma menção à subordinação da esfera doméstica à qual a mulher era submetida. No decorrer desse capítulo o autor trata das implicações econômicas, os extremos de riqueza e de pobreza, as desigualdades globais, os efeitos sociais, cidades e governanças, entre outros temas. Sente-se uma lacuna neste capítulo, com relação ao diálogo sobre a pobreza

e as desigualdades globais. Isto porque, são fenômenos marcados pela desigualdade de gênero, e essa questão não é levantada no texto escrito. Já existem diversos estudos nos quais a associação desses fenômenos sociais com as relações de gênero trazem olhares significativos para a sua compreensão. Podemos observar na imagem a seguir, presente neste capítulo, que a reflexão sobre pobreza pode trazer perspectivas de gênero para a discussão:

**Figura 2** Foto de uma família na extrema pobreza.



**Fonte:** Giddens (2012, p. 30).

No capítulo sete, *Interações Sociais e Vida Cotidiana*, dá-se o debate, em torno das práticas cotidianas e dos estudos dos/as sociólogos/as das interações sociais. Há um campo sobre *gênero e corpo*, que começa com uma indagação: “Será que existe uma dimensão de gênero nas interações sociais cotidianas?” (GIDDENS, 2012, p.190). Aqui o autor faz uma ligação com as possíveis interações sociais incluindo os estudos de gênero. Destaca que as interações são moldadas de formas distintas entre homens e mulheres e, portanto, também são respondidas de formas distintas. O autor demonstra que o entendimento de gênero e dos papéis de gênero é influenciado também por fatores sociais e que estão amplamente relacionados com “questões de poder e de *status* na sociedade”

---

<sup>4</sup> Foto de uma família na extrema pobreza. Imagem retirada do livro Sociologia 6<sup>o</sup> edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 174).

(GIDDENS, 2012, p 190). As interações sociais, portanto, se dão de maneiras distintas, como, por exemplo, as interações visuais e os brinquedos (GIDDENS, 2012).

Podemos concluir com essas indagações que as interações da forma como estão estabelecidas socialmente privilegiam os homens, visto que, concordando com o autor, “Nas sociedades onde os homens como um todo dominam as mulheres na vida pública e privada, eles podem se sentir mais livres do que elas para fazer contato visual com estranhos” (GIDDENS, 2012, p.190).

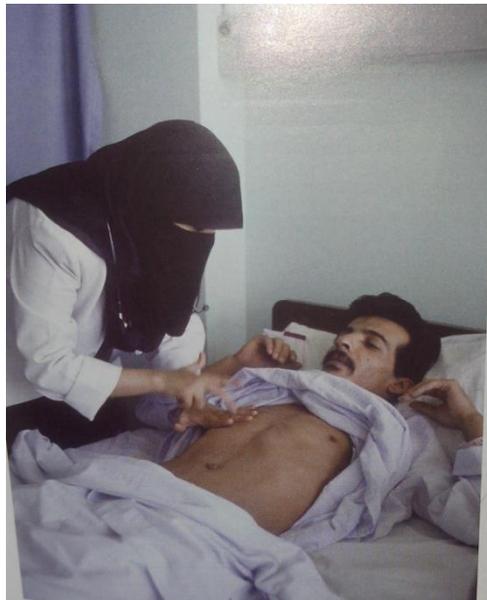
O autor utiliza diversas pesquisas para ilustrar as interações do contato visual, colocando a discussão na perspectiva de como situações tidas em nível micro, podem ser elevadas para reforçar a desigualdade para o nível macro da sociedade. Uma das sociólogas mencionadas neste capítulo é Judith Butler. O autor faz uma breve análise de seus estudos a respeito das identidades de gênero. Para Butler, as identidades de gênero são estabelecidas por meio de sua performance contínua, concluindo que a “identidade de gênero é muito mais fluida e instável” (GIDDENS, 2012, p.190).

Há ainda no capítulo, sobre *personificações e identidade*, onde são relatadas algumas teorias da identidade de gênero. Neste capítulo são citados, Sigmund Freud e Nancy Chodorow. Destaca como cada um desses autores argumenta sobre a compreensão dos papéis de gênero de homens e mulheres. Assim, concordando com Chodorow, frisa que a identidade de gênero é socialmente criada e incorporada.

Neste capítulo, no quadro *usando a sua imaginação sociológica*, há uma pequena discussão sobre homens e mulheres em público, de como a comunicação e a interação social se estabelece de forma diferente. O autor utiliza como exemplo, o tema do assédio sexual e as teorias de Carol Brooks Gardner em seu estudo: *Passing By: Gender and Public Harassment (1995)*, entendendo que “esse tipo de interação, não pode ser compreendido sem se olhar a base mais ampla da hierarquia de gênero na sociedade” (GIDDENS, 2012, p.191). Defende, a importância de se fazer uma conexão entre a micro e a macro sociologia, pois, “entender a passagem da micro para a macro sociologia nos ajuda a enxergar que, para atacar o problema em sua raiz, é preciso eliminar as formas de desigualdade de gênero que dão vazões a essas interações” (GIDDENS, 2012, p.191).

Ainda no capítulo sete, no item *Administração da impressão*, encontramos destacado o trecho: *adotando papéis: exames Íntimos*, onde o autor discorre sobre como no Ocidente os homens e as mulheres pensam e são conduzidos a pensar nos seus órgãos genitais como a parte “mais privada do corpo”, fazendo alusão, por exemplo, ao tabu existente dos exames ginecológicos (GIDDENS, 2012). Na análise sobre interação, nos é apresentado uma imagem do Oriente médio e a sua relação com a interação de mulheres e homens, como podemos observar abaixo:

**Figura 3 -** Foto sobre a interação entre homens e mulheres na Arábia Saudita, altamente regulada.



**Fonte:** Giddens (2012, p. 199).

O capítulo oito, *O curso da Vida*, trás uma breve discussão sobre *As agências de socialização*, incluindo aí a *família*. O capítulo destaca como os sistemas familiares variam de acordo com cada cultura e como as mulheres são as responsáveis por parte essencial dos cuidados com os filhos na maioria das sociedades. Assim o autor evidencia que,

---

<sup>5</sup> Foto sobre a interação entre homens e mulheres na Arábia Saudita, altamente regulada. Imagem retirada do livro *Sociologia* 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 199).

Em toda parte, a mãe costuma ser o indivíduo mais importante no início da vida da criança, mas a natureza dos relacionamentos estabelecidos entre as mães e seus filhos é influenciada pela forma e regularidade do seu contato que é condicionada pelo caráter das instituições familiares e sua relação com outros grupos da sociedade (GIDDENS, 2012, p.212).

Desta forma, deixa claro que a maior parte da primeira socialização ocorre dentro dos laços familiares e que, apesar de as mulheres serem ainda entendidas como figuras centrais no cuidado das crianças, hoje muitas mulheres trabalham fora de casa, têm filhos e continuam no trabalho remunerado logo após o nascimento dos filhos (GIDDENS, 2012). Ainda no mesmo capítulo, encontramos destacado o tópico: *A socialização do Gênero*, quando novamente o autor nos remete aos estudos sobre os papéis de gênero, e sobre as agências de socialização desempenhar um importante papel na forma como as crianças aprendem os papéis de gênero, entende-se, que a socialização do gênero ocorre também, por meio de fatores sociais como a família e os meios de comunicação (GIDDENS, 2012).

O autor ressalta que “pistas pré-verbais e pré-visuais” possibilitam ao bebê a aprender a socializar as diferenças entre homens e mulheres, para adquirem as primeiras aprendizagens. “Os cosméticos que as mulheres usam contêm aromas diferentes dos que o bebê pode aprender e associar mulheres e homens” (GIDDENS, 2012, p. 215). Os brinquedos, livros e programas de televisão também enfatizam as diferenças entre o masculino e o feminino. Para discutir sobre a aprendizagem do gênero, o autor utiliza os estudos de Vanda Lúcia Zammuner (1986) para a qual, de acordo com seus estudos, o gênero é atribuído socialmente através de várias interações, e depois a própria sociedade espera, ou praticamente obriga que homens respondam como homens e que mulheres respondam como mulheres.

Paralelo ao texto, encontramos mais um quadro: *usando a imaginação sociológica*, que relata os estudos de *Lenore Weitzman (1972)* com os livros infantis usados na pré-escola. Tal estudo resultou em diferenças claras nos papéis de gênero.

As contraposições encontradas no livro sobre o debate sociológico dos papéis sociais também são interessantes. O autor não poderia deixar de fazer referência à teoria de Sigmund Freud (1856-1939) e o contraponto da teoria de Carol

Gilligan. Freud construiu sua famosa teoria sobre a “inveja do pênis” e foi amplamente criticado por feministas e outros autores. Carol Gilligan (1982) parte dos estudos de Nancy Chodorow (1978–1988) com a tentativa de compreender “como os homens e as mulheres se imaginam”. Segundo Giddens, ela sugere que mulheres têm uma visão mais tradicional, alicerçada em relacionamentos de cuidado, mais do que atitudes (GIDDENS, 2012).

Encontramos também neste capítulo em destaque o quadro 8.2, na página 217, intitulado *Estudos clássicos*, o qual apresenta a visão de Nancy Chodorow sobre vínculo e separação. A autora questiona por que homens são fechados e possuem maiores dificuldades em expressar seus sentimentos e por que o inverso ocorre com as mulheres. Seus estudos são considerados muito importantes, principalmente no que diz respeito aos estudos da socialização dos gêneros (GIDDENS, 2012). A conclusão desse bloco é que “o curso da vida não apenas é estruturado pelas grandes divisões sociais da classe social, do gênero e da etnia, mais é também situado historicamente” (GIDDENS, 2012, p. 218).

No tópico sobre adolescentes e jovens, onde o autor fala sobre o comportamento dos jovens nas sociedades modernas e a alternância entre a infância e a idade adulta, sente-se falta de alguma explanação sobre a influência dos padrões de beleza que ditam um padrão ideal hegemônico. Esse tema passa despercebido nesse bloco, deixando uma lacuna no capítulo.

O capítulo, entretanto, ressalta também estudos sobre o envelhecimento e há um tópico neste bloco sobre a *feminização da velhice*. Entendemos este tópico como crucial, justamente pelo fato de que “em todas as sociedades do mundo, as mulheres tendem a viver mais do que os homens. Por isso, a viuvez é quase uma norma para as mulheres idosas” (GIDDENS, 2012, p. 228).

O autor lança luz sobre a questão da velhice feminina estar mais ligada à pobreza do que a velhice masculina. As mulheres idosas são mais pobres que os homens idosos, isto porque, na maioria dos países, as mulheres ainda ganham menos que os homens. Segundo Giddens, “estudos revelam que, além de terem rendas pessoais inferiores aos homens, as mulheres idosas também têm desigualdades em outros recursos, como, por exemplo, a posse de carro” (GIDDENS, 2012, p. 228). Outro dado interessante que foi contemplado nesse

aspecto é o fato de que homens resistem bem menos tempo sem suas companheiras do que as mulheres resistem sem seus companheiros. Isso nos possibilita compreender que há uma dependência muito maior dos homens na sobrevivência só com a casa.

Os estudos relatados pelo autor apresentam que a proporção de mulheres para homens têm oscilado e está diminuindo um pouco. Atualmente, nos países europeus, “existem três vezes mais mulheres do que homens com mais de 85 anos, mas se prevê que este número cairá para apenas duas vezes em 2021” (GIDDENS, 2012, p. 229). O fenômeno social da velhice com as questões de gênero é exemplificado com quatro gráficos. O primeiro gráfico, 8.4, é sobre a taxa da pobreza e renda relativa de pessoas com 65 anos ou mais; com comparação União Europeia, em 1998 (GIDDENS, 2012, p. 228). O segundo gráfico, 8.5, apresenta proporções de homens e mulheres com 65 anos ou mais por grupo etário, em 2000 (GIDDENS, 2012, p. 230). O terceiro, 8.6, trata das razões entre os sexos para pessoas idosas (GIDDENS, 2012, p. 230). E o quarto gráfico, 8.7, relaciona arranjos de vida de pessoas com 75 anos ou mais em nove países europeus, em 2000, por gênero (GIDDENS, 2012, p. 231).

## **2.2 Os capítulos essenciais sobre o diálogo com o feminismo e as questões de gênero do livro *Sociologia*, de Anthony Giddens**

O capítulo nove, *Famílias e Relacionamentos Íntimos*, trazem discussões essenciais para a relevância desta pesquisa, visto que o conceito de família na sociologia é importante para a compreensão de outras relações sociais, uma vez que a família é entendida como uma instituição. As famílias formam uma unidade econômica e estão profundamente ligadas a condutas sociais. O capítulo começa situando o/a leitor/a que família também representa uma construção social e que na Idade Média era muito mais ligada a questões econômicas, pois “homens e mulheres casavam principalmente para manter propriedades nas mãos da família ou para ter filhos para trabalhar nas terras das famílias” (GIDDENS, 2012, p. 242). A noção do amor romântico surgiu algum tempo depois, muito influenciada pelo início das novelas literárias. Segundo Giddens, o conceito de casamento pode ser definido como uma união sexual legítima para a sociedade.

Os relacionamentos familiares provocam muitos interesses de estudo. Talvez, pelo fato de que o casamento possui em quase todas as sociedades uma forma significativa de ordem social e econômica. Os/as pesquisadores/as levam-nos a crer que praticamente todas as sociedades têm alguma forma de família estruturada socialmente. Apesar de, na maioria das sociedades ocidentais e capitalistas, as famílias nucleares serem ainda a mais comum, há hoje uma crescente taxa de famílias monogâmicas. Também existem as famílias poligâmicas. O autor faz referência a George Peter Murdock (1949), sobre as suas observações da poligamia. A poligamia permite que homens ou mulheres tenham mais de um cônjuge. “Na sua investigação do século XX, relata que a poligamia era permitida em mais de 80% das cidades estudadas” (MURDOCK, 1949 *apud* GIDDENS, 2012, p. 243). Podemos dizer que existem duas formas de poligamia: a poliginia, na qual um homem pode ser casado com mais de uma mulher, e a poliandria, na qual a mulher pode ter dois ou mais maridos. “Em 1998, o *atlas etnográfico Codebook* relatou que, de 1.231 sociedades ao redor do mundo, 453 tinham poliginia ocasional, 588 tinham poliginia mais regular e apenas 4 tinham a poliandria” (GIDDENS, 2012, p. 243). Com base nesses estudos, mesmo que de forma breve, podemos perceber a disparidade entre homens e mulheres nas “aceitações” da poligamia.

O capítulo nove levanta ainda um debate sobre a evolução da vida familiar e sobre os mitos da família tradicional. Na sessão da reflexão crítica, o autor levanta um questionamento sobre a família tradicional: “Se a família tradicional, conforme descrito é um “mito”, por que tantas pessoas ainda acreditam nela? Que consequências sociais podem advir da crença e do comprometimento das pessoas com essa forma familiar mítica?” (GIDDENS, 2012, p. 244).

Ao relatar sobre famílias num contexto global é possível perceber como esse fenômeno vem tomando novas proporções, principalmente no mundo Ocidental. Pode-se dizer que na maioria dos países em desenvolvimento estão ocorrendo mudanças significativas e amplas na sociedade atual. A família e a vida das pessoas são influenciadas por seu envolvimento no sistema político e nacional. Diversos são os fatores que ocasionam mudanças das famílias, mas, com toda certeza, um dos fatores mais significativos é a transformação da vida das mulheres. O autor aponta neste capítulo o estudo recente importante *Between Sex and Power* (2004) do sociólogo sueco *Goran Therborn*, que faz uma análise sobre as estruturas

e os elementos que representam as famílias. Therborn identifica que o poder patriarcal decaiu ao longo do século XX, principalmente por dois períodos fundamentais:

A primeira guerra mundial, que levou muitas mulheres ao mercado de trabalho e a revolução sexual do final da década de 1960 e o Ano Internacional da Mulher, em 1975, quando a segunda onda do feminismo reforçou a nova posição da mulher na sociedade, com a obtenção de medidas legislativas para possibilitar que mulheres participassem da vida pública fora do seu papel doméstico (THERBORN, ano 2004 *apud* GIDDENS, 2012, p. 247).

Therborn levanta considerações futuras e acredita que a principal mudança se deu com a “queda da taxa da fertilidade global [...] Isso é produto de métodos mais efetivos de controle natal, maior prosperidade econômica e a entrada cada vez maior de mulheres na força de trabalho, melhorando assim a sua própria posição dentro das sociedades” (THERBORN, 2004 *apud* GIDDENS, 2012, p. 247).

O tópico sobre famílias e relacionamentos íntimos relata que nas sociedades modernas há uma variação considerável entre famílias e casamentos. Com base na sociedade Europeia, são levantadas questões como a alta taxa de divórcio e como muitas pessoas se casam mais de uma vez. O divórcio permitiu múltiplas variações de modelos familiares e também a reorganização das famílias. Como ele mesmo comenta no trecho a seguir:

A família moderna é patrilinear e neolocal. A herança patrilinear envolve os filhos adotarem o sobrenome do pai. No passado, significava também que a propriedade era transmitida pela linha masculina, embora isso seja muito menos comum atualmente. (Muitas sociedades do mundo em desenvolvimento são matrilineares – os sobrenomes e, muitas vezes, a propriedade seguem a linhagem feminina) (GIDDENS, 2012, p. 248).

Há assim, uma modificação nos padrões familiares, o que provocou uma explosão de diversidades nos padrões tradicionais. Hoje às famílias se organizam de variadas formas desde a relação com as tarefas domésticas até as carreiras profissionais.

“As influências de movimentos como o feminismo geraram uma considerável variedade cultural em formas familiares. As persistentes divisões de classe entre os pobres e as classes trabalhadoras qualificadas e os vários agrupamentos dentro das classes média e alta sustentam grandes variações na estrutura familiar” (GIDDENS, 2012, p. 248).

Ainda neste contexto no tópico *desigualdade dentro da família*, há a exposição sobre o trabalho, a família, os cuidados com os filhos, carreira e salário. Giddens (2012) afirma que um dos principais fatores que afetam a carreira das mulheres é a percepção de que, para as trabalhadoras femininas, o trabalho é secundário em relação aos filhos. O texto apresenta pesquisas sobre como há ainda discriminações que são enfrentadas pelas mulheres no campo do trabalho, como a discriminação com gravidez e maternidade. Existe o discurso de que a responsabilidade para com os filhos é problema da mãe. Mesmo com os homens se voltando também para o cuidado dos filhos nas sociedades Ocidentais, o papel central ainda é visto como natural da mulher, ainda que “embora os homens não possam ter uma família biologicamente, no sentido de parir filhos, eles podem se envolver plenamente nas responsabilidades pelo cuidado das crianças” (GIDDENS, 2012, p. 251). Uma das imagens encontradas neste capítulo esta relacionada com a questão da paternidade, como podemos observar abaixo:

**Figura 4 -** Imagem retratando um pai cuidando de um recém-nascido, exemplificando sobre novos contornos familiares no Ocidente.



<sup>6</sup> Imagem retratando um pai cuidando de um recém-nascido, exemplificando sobre novos contornos

**Fonte:** Giddens (2012, p. 261).

Muitas empresas, na hora da contratação, levam em consideração o fator da maternidade. Percebemos com isso que as construções sociais em relação aos papéis sexuais de homens e mulheres atuam também no estereótipo sobre de quem é a responsabilidade sobre a criação filhos. A remuneração também apresenta uma diferença em relação ao sexo, conforme o autor apresenta,

“O salário médio das mulheres empregadas fica bastante abaixo do dos homens, embora a diferença tenha diminuído um pouco nos últimos 30 anos nas sociedades ocidentais [...] Mesmo nas mesmas categorias ocupacionais as mulheres, em média, ganham salários mais baixos que os homens” (GIDDENS, 2012, p. 251).

Apesar das mudanças significativas nas esferas do trabalho, da renda e do casamento, os homens não entraram de forma igualitária para o espaço doméstico. A tripla jornada de trabalho - remunerado, doméstico e do cuidado com os filhos - é bastante comum nas sociedades ocidentais. “Na questão do trabalho doméstico a igualdade de gênero ainda tem um longo caminho a percorrer” (GIDDENS, 2012, p. 252).

O capítulo nove discorre também sobre a violência íntima. Os relacionamentos “podem conter tensões bastante acentuadas, levando as pessoas ao desespero ou deixando-as com uma sensação profunda de ansiedade e culpa” (GIDDENS, 2012, p. 254). A violência doméstica é muito presente em quase todas as sociedades. A violência cometida por homens contra suas parceiras é a segunda forma mais comum de violência doméstica nas sociedades ocidentais (GIDDENS, 2012, p. 255). Mesmo os países europeus contendo dados alarmantes de violência doméstica, no Brasil as estatísticas são maiores em relação à violência doméstica.

A ascensão do divórcio está intrinsecamente ligada às mudanças sociais. Entretanto, isso não quer dizer que o casamento tenha sido desvalorizado, ao contrário: a instituição do casamento e o sistema mercadológico fazem dele uma construção social bastante presente. As famílias monoparentais também se tornaram mais comuns nas últimas décadas nas sociedades ocidentais. Vale

---

familiares no Ocidente. Imagem retirada do livro Sociologia 6º edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 261).

ressaltar que a maior parte das famílias monoparentais é representada por mulheres. E as mulheres também estão entre os grupos mais pobres da sociedade. Esse fenômeno nos permite visualizar mais uma esfera da desigualdade de gênero.

Apesar dos avanços e das transformações nas sociedades ocidentais, os fatores sociais e econômicos ainda representam parte da desigualdade social. “Os pressupostos generificados sobre os papéis masculinos e femininos continuam a ter um papel importante em determinar o nível em que as políticas governamentais podem moldar a dinâmica da vida familiar” (GIDDENS, 2012, p. 262). Podemos concluir que muitas mudanças de conduta quanto à vida familiar ocorreram nas últimas décadas, e que muitas foram significativas por conta do movimento feminista. Novas formas de relacionamento, famílias reconstituídas e relações de parentescos são apenas alguns desses novos campos de análises sob a ótica de gênero. Assim surgiram novas alternativas às formas tradicionais de casamento em contraste com a vida familiar tradicional nas sociedades ocidentais.

Hoje em dia os relacionamentos homossexuais também fazem parte das discussões. O casamento civil é uma das lutas dos movimentos de gays e lésbicas e também do movimento feminista. Muitos casais homossexuais possuem relacionamentos estáveis nas sociedades modernas, porém, na grande maioria dos países, ainda não é permitido legalmente o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Essa ação se torna complexa principalmente nos âmbitos legais e políticos, pois muitos direitos são negados aos casais gays, “em questões financeiras, como heranças, pensões e manutenção dos filhos” (GIDDENS, 2012, p. 267). Trata-se de um tema fundamental que também está relacionado com questões de gênero, que fazem parte dos estudos das relações sociais e, portanto, devem integrar a Sociologia. Também entendemos que a homossexualidade é um estudo da sexualidade e, como tal, carrega tabus e paradigmas. É necessário que as novas perspectivas teóricas sobre famílias e relacionamentos dialoguem com esta temática. Precisamos pensar em como poderemos trabalhar para enfrentarmos os preconceitos estabelecidos socialmente, entendendo como nossos corpos e sexualidade são influenciados e moldados pelas instituições.

Um dos caminhos para se enfrentar o preconceito é a informação e a visibilidade. Neste sentido, a grande mídia tem um papel crucial ao apresentar as várias formas de relacionamento existentes, sem tabus e sem demagogias

religiosas. Na imagem abaixo apresentada no livro, dois homens com seus filhos no colo representam a estrutura de um novo modelo de família:

**Figura 5 -** Foto de um casal homossexual na conquista pela adoção dos filhos, uma questão bastante controversa na maior parte do mundo.



**Fonte:** Giddens (2012, p. 268).

Podemos dizer que o feminismo teve um grande impacto na sociologia, “desafiando a visão da família como um espaço harmonioso e igualitário” (GIDDENS, 2012, p. 270). As pesquisas sobre as famílias foram uma das principais abordagens feministas da década de 1970 e 1980 (GIDDENS, 2012). Um dos desafios colocados pelas pesquisas é o olhar direcionado para o interior das famílias, “para analisar as experiências das mulheres na esfera doméstica” (GIDDENS, 2012, p. 270). Essas pesquisas salientam que as relações dentro da esfera do casamento era uma relação desigual, de submissão. Com isso, alguns membros da família se beneficiavam mais que outros membros.

Outro fenômeno social pesquisado pelo feminismo são as relações de trabalho com o fator econômico que o envolve e a divisão doméstica do trabalho e das tarefas entre as famílias. Neste capítulo há um tópico sobre as abordagens

<sup>7</sup> Foto de um casal homossexual na conquista pela adoção dos filhos, uma questão bastante controversa na maior parte do mundo. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 268).

feministas, no qual o autor apresenta referências de algumas pesquisas sobre a família, destacando a pesquisa Young e Wilmont (1973) sobre a maneira como as tarefas domésticas, como a criação dos filhos é compartilhada entre homens e mulheres (GIDDENS, 2012, p. 271). Faz-se alusão a outras pesquisas, citando Hochschild (1989), Gershuny (1994) e Sullivan (1997), que revelam que há uma noção de que as famílias estão se tornando mais igualitárias nas divisões das responsabilidades domésticas. Entretanto, os estudos mostram que “as mulheres continuam a se encarregar da principal responsabilidade por tarefas domésticas e têm menos tempo de lazer do que os homens” (GIDDENS, 2012, p. 271).

Além de citar as pesquisas feministas que trazem uma reflexão sobre a família e o trabalho, também destaca temas sobre as relações desiguais que existem no interior da família. A importância desses estudos se dá principalmente na possibilidade de construções de políticas públicas em prol de mulheres e crianças que sofrem a violência doméstica, que, segundo Giddens (2012, p.271),

A agressão contra a esposa, o estupro marital, incesto e abuso sexual de crianças têm recebido mais atenção pública como resultado das alegações das feministas de que os lados violentos e abusivos da vida familiar há muito são ignorados em contextos acadêmicos e legais e nos círculos onde se criam nossas políticas públicas. As sociólogas feministas tentam entender como a família serve como arena para a opressão de gênero e mesmo o abuso físico.

Os estudos teóricos sobre a transformação do amor e da intimidade, realizados sob as perspectivas feministas, geraram um interesse maior pela família nos estudos sociológicos. Segundo Giddens, diversos fatores devem ser levados em consideração nas transformações familiares, como a formação e a dissolução de famílias e lares, bem como as novas expectativas nos relacionamentos pessoais dos indivíduos. Todavia essas transformações, como divórcio, formação de novos lares, novos relacionamentos pessoais, estão intimamente ligadas à liberdade conquistada pelas mulheres ao longo das últimas décadas.

O capítulo dez, *Saúde, Doença e Deficiência*, também traz o debate de gênero, a começar pela imagem inicial do capítulo: duas situações que fazem

muitas mulheres vítimas. Uma das imagens ilustra a extrema pobreza representada na imagem pela fome, a outra imagem de uma mulher com anorexia.

**Figura 6 - Foto de duas mulheres magras.**



**Fonte:** Giddens (2012, p. 280).

O tópico *a sociologia do corpo*, apresenta que, apesar das doenças serem fatores biológicos, os fatores sociais também influenciam a causa de diversas doenças. A anorexia, por exemplo, está intimamente relacionada com a cultura da “magreza”. Existe uma pressão social para a conquista do corpo perfeito. Dados estimam que “90% das pessoas que sofrem dessa doença são mulheres” (LASK e BRYANT-WAUGH, 2000 *apud* GIDDENS, 2012). A questão dos transtornos alimentares é tão grave que se tornou um problema público e pode-se afirmar que os transtornos alimentares fazem parte da vida de milhões de pessoas (GIDDENS, 2012). No quadro *reflexão crítica*, o questionamento proposto é sobre a saúde e os papéis de gênero, onde o autor questiona,

Por que, em sua opinião, os transtornos alimentares parecem afetar mais mulheres do que homens? Como as mulheres alcançaram mais igualdade com os homens do que nas gerações passadas, é

---

<sup>8</sup> Foto de duas mulheres magras: a primeira menina magra pela pobreza que a impede de se alimentar, e a segunda magra por uma doença cada vez mais comum em países desenvolvidos: a anorexia. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 280).

provável que isso leve a mais transtornos da alimentação entre os homens jovens? Que medidas os governos podem tomar para impedir o aumento nos transtornos da alimentação? (GIDDENS, 2012, p. 281).

Nesta perspectiva, entendemos que há uma disparidade na saúde entre homens e mulheres e que as mulheres têm maiores expectativas de vida em quase todos os países do mundo (GIDDENS, 2012). As mulheres procuram mais ajuda médica e, conseqüentemente, procuram mais os tratamentos médicos do que os homens, conforme destaca Giddens (2012 p. 298),

No mundo desenvolvido, embora as doenças cardíacas afetem mais homens do que mulheres, essa ainda é a principal causa de morte das pessoas com menos de 65 anos. Os homens, contudo, têm taxas maiores de mortalidade como resultado de acidentes e violência e também são mais propensos à dependência de drogas e álcool.

Por outro lado, a depressão e a ansiedade são mais significativas nas mulheres. “Segundo alguns observadores, os papéis múltiplos que as mulheres tendem a desempenhar- trabalho doméstico, cuidar dos filhos, responsabilidades profissionais – podem aumentar o estresse e contribuir para taxas mais elevadas de doenças” (LESLEY DOYAL, 1995 *apud* GIDDENS, 2012, p. 271). Ou seja, é necessário que outros fatores sejam levados em consideração, pois os/as estudiosos/as afirmam que “qualquer análise da saúde feminina deve considerar a interação entre influências sociais, psicológicas e biológicas” (LESLEY DOYAL, 1995 *apud* GIDDENS, 2012, p. 271). Desta forma, a condição social é um fator determinante e as mulheres que se encontram em condições menos favoráveis nos afazeres domésticos, sentem esses estresses de forma muito mais radical, visto que o acesso à saúde e a outras formas de prazer é muito mais restrito.

O capítulo onze aborda questões sobre a estratificação e classe social. Nele, encontramos alguns enfoques sobre a relação entre gênero e estratificação e mobilidade social. Por muito tempo “as pesquisas sobre estratificação social ignoraram a questão de gênero” (GIDDENS, 2012, p. 330). Sendo ele um importante fator para a análise da estratificação social, as divisões de classe acentuam as desigualdades de gênero.

Outro tópico, *Determinando a relação das mulheres na escala de*

*classe*, o autor lembra que anteriormente na visão de alguns autores, como Goldthorpe (1983), a “posição convencional da análise de classe sobre o trabalho remunerado das mulheres era relativamente insignificante, se comparado com o dos homens, e que, portanto, as mulheres podem ser consideradas da mesma classe que seus maridos” (GOLDTHORPE, 1983 *apud* GIDDENS, 2012, p. 271).

Essa visão da ideologia sexista foi bastante criticada, mesmo porque muitas famílias dependem também da renda das mulheres, visto que a renda delas se torna essencial para manter a posição econômica da família. É preciso que se leve em consideração o aumento em grande escala de mulheres chefes de família. Com essas inquietações do movimento feminista, algumas mudanças foram feitas para a validação de pesquisa, por exemplo, “o cônjuge da classe mais alta pode ser usado para classificar uma família, seja homem ou mulher” (GIDDENS, 2012, p. 332).

As pesquisas de estratificação social se concentram nos homens, porém, vêm tomando outras formas de estudo, e a mobilidade social das mulheres começou a ser enxergada com outros olhos. Uma das indicações é que as mulheres são encontradas em maiores números do que os homens no ensino superior, o que as permite ocupar posições de maior status social.

No decorrer do livro vimos que muitos capítulos abordam de forma significativa e incorporada a discussão sobre gênero. Porém, alguns capítulos como o nº 12, *Pobreza, Exclusão e Bem Estar Social* e nº 13 *Desigualdade global*, não fazem alusão às questões de gênero. Esses capítulos poderiam apresentar pesquisas significativas a respeito das relações de gênero.

O capítulo quatorze, *sexualidade e gênero*, dá maior destaque às questões de gênero. Em seu primeiro tópico, *a sexualidade humana*, determina que vários aspectos importantes da vida sexual nas últimas décadas foram alterados significativamente, e que a sexualidade se tornou uma “dimensão da vida para cada indivíduo explorar e moldar” (GIDDENS, 2012, p. 414). Nestas perspectivas, o autor convida o/a leitor/a a debater sobre a influência biológica e social, as determinações sociais e as novas tecnologias reprodutivas, entre outros assuntos relacionados à temática sexualidade e gênero. Uma das fotos em destaques no capítulo é de um casal de mulheres felizes pela conquista do casamento civil:

**Figura 7** - Imagem de duas mulheres após a realização do casamento no civil, uma conquista, presente cada vez mais países no Ocidente.



**Fonte:** Giddens (2012, p. 413).

No tópico *Biologia e Comportamento Sexual*, Giddens (2012) lembra que “existe um claro componente biológico na sexualidade, pois, a anatomia feminina difere da masculina. Também existe o imperativo biológico de reproduzir; de outra forma a espécie humana estaria extinta” (GIDDENS, 2012, p. 414). Todavia, a sexualidade vai muito além das características biológicas, neste trecho, encontramos alguns autores de diversas correntes teóricas, são as reflexões de que o comportamento humano é moldado pelo ambiente e que para os humanos a atividade sexual é muito mais que biológica. Ela é simbólica, refletindo quem somos e as emoções que sentimos (GIDDENS, 2012).

Sobre as formas de sexualidade, as pessoas procuram outras pessoas em busca de envolvimento emocional e sexual. A forma mais tradicional que conhecemos é a heterossexualidade, mais ela está longe de ser a única forma de relacionamento sexual possível. O autor faz referência aos estudos de Judith Lorber (1994) que distingue,

Até 10 identidades sexuais diferentes: mulher heterossexual, homem heterossexual, mulher lésbica, homem gay, mulher bissexual, homem bissexual, mulher travesti (uma mulher que se veste

<sup>9</sup> Imagem de duas mulheres após a realização do casamento no civil, uma conquista, presente cada vez mais países no Ocidente. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 413).

regularmente de homem), homem travesti (homem que se veste regularmente de mulher), mulher transexual (um homem que se torna mulher) e homem transexual que se torna (uma mulher que se torna um homem). As práticas sexuais em si são ainda mais diversas (LORBER, 1994 *apud* GIDDENS, 2012, p. 415).

Podemos entender o quão complexas são as discussões sobre a sexualidade. Por essa razão, e por frequentes tabus, algumas formas de relacionamentos são toleradas e outras condenadas em determinadas sociedades, mas isso depende significativamente da cultura da sociedade. As pessoas aprendem essas relações de aprovação e condenação através da socialização. Nas sociedades modernas, apesar das conquistas, ainda há um tabu com relação aos casais homossexuais, haja vista que vivemos, atualmente, o ideal do amor romântico e da constituição de famílias nucleares. Todavia, “entre os gregos antigos, por exemplo, o amor de homens por rapazes era idealizado como a forma mais superior de amor sexual” (GIDDENS, 2012, p. 415).

Com relação às orientações sexuais, entende-se que “ela diz respeito à atração sexual e romântica do indivíduo” (GIDDENS, 2012, p. 415). Ocorre que muitas vezes há a troca enganosa da expressão por “opção sexual”. Não se trata de uma escolha pessoal e sim de uma orientação. O texto levanta algumas questões sobre a sexualidade e a orientação, deixando claro que “a orientação de atividades ou sentimentos sexuais com pessoas do mesmo sexo existe em todas as culturas” (GIDDENS, 2012, p. 415). No entanto, os homossexuais foram perseguidos e condenados por muito tempo.

Há apenas algumas décadas, a homossexualidade ainda era considerada atividade criminosa em praticamente todos os países ocidentais. A mudança dos homossexuais das margens para o centro da sociedade ainda não está completa, mas tem-se observado um rápido progresso nos últimos anos (GIDDENS, 2012, p. 416).

Os fatores ligados à sexualidade, religião e moralidade, também são apresentados nesse capítulo. Durante um período muito longo, predominava a visão da igreja cristã, que pregava que o comportamento sexual era pecaminoso se não tivesse como finalidade apenas a reprodução. Após os pressupostos religiosos vieram os pressupostos médicos, que também tratavam a sexualidade, em especial a feminina, como passível de transtornos de saúde mental e física. Junto com essas

prerrogativas reinou-se a ideia de que as “mulheres virtuosas eram indiferentes à sexualidade, aceitando as atenções de seus maridos apenas como dever” (GIDDENS, 2012, p. 417). Desta forma, compreendemos que as atividades sexuais entre homens e mulheres eram desiguais e submissas para as mulheres; se analisarmos nossas sociedades atuais, percebe-se que essas normas de comportamento encontram-se presentes até os dias de hoje.

Ainda sobre a homossexualidade, encontramos o diálogo sobre os direitos civis de gays e lésbicas. É interessante a forma explicitada no texto sobre como a homossexualidade masculina geralmente recebe mais atenção do que a homossexualidade feminina. Podemos exemplificar com a hipótese de que um dos maiores desejos masculinos é o relacionamento com duas mulheres, por isso talvez haja menos impactos negativos na homossexualidade feminina. Algumas lésbicas começaram a sentir que o movimento de liberação dos gays refletia o interesse dos homens, enquanto as feministas liberais e radicais se preocupavam exclusivamente com os interesses de mulheres heterossexuais de classe média. Assim, surgiu uma linha distinta de feminismo lésbico, que promoveu a disseminação dos valores femininos e desafiou a instituição dominante e estabelecida da heterossexualidade masculina (SEIDMAN, 1997 *apud* GIDDENS, 2012, p. 418 e 419).

Um fenômeno social de maior destaque por parte dos/as estudiosos/as é a intolerância à homossexualidade. A homofobia é caracterizada por pessoas que têm aversão, ódio aos homossexuais e aos seus estilos de vida. O problema se dá por vários ângulos, pois, não se trata apenas de violência física, mas também nas formas de abuso verbal. A homofobia permanece arraigada em muitos setores sociais (GIDDENS, 2012). O autor apresenta estudos cujas preocupações são as mudanças nas “relações de gênero, normas de comportamento sexual juntamente com posturas privadas e públicas para com a sexualidade” (GIDDENS, 2012, p. 427). O diálogo se dá sobre as formas de como essas mudanças provocam um impacto nas relações das pessoas e na análise dos novos estilos de vida. Desta maneira podemos pensar de que forma as sociedades estão lidando como o comportamento sexual? Como podemos trabalhar posturas de sociedades mais liberais?

Esses são questionamentos indispensáveis em uma sala de aula, onde lidamos com jovens imersos em novas realidades que se transformam

cotidianamente. Novamente, uma das formas a lidar com os novos comportamentos são através das informações. Os professores/as precisam estar livres de conceitos pré-estabelecidos para lidar com o novo. A mídia em geral é em parte responsável por essa veiculação da informação, visto que é ela quem chega primeiro a milhares de pessoas. Um exemplo de crítica ao padrão de homem que fora estabelecido é representado ironicamente pelo grupo Village People,

**Figura 8 -** Imagem do grupo Village People, faz uma paródia extrema de formas “macho” de masculinidades.



**Fonte:** Giddens (2012, p. 419)

Outro conflito abordado é sobre o trabalho sexual, sendo este último considerado “uma prestação de favores sexuais por ganho monetário” (GIDDENS, 2012, p. 427). Um aspecto fundamental da prostituição moderna é que as mulheres e seus clientes geralmente não se conhecem. A maior parte das pessoas que trabalham com o sexo são mulheres. Os estudos em sua grande maioria têm como ótica as pessoas que vendem o sexo e têm como força de trabalho o próprio corpo, raramente se busca estudar a relação existente entre os clientes que procuram a compra do sexo. Encontramos aqui mais um estigma de uma sociedade sexista, que dá direito aos indivíduos de procurarem a compra do sexo. Sempre nos é transmitido

<sup>10</sup> Imagem do grupo Village People, faz uma paródia extrema de formas “macho” de masculinidades. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 419).

que as pessoas que fazem de seu corpo a sua própria ferramenta de trabalho são culpadas. “Uma resolução da Organização das Nações Unidas, aprovada em 1951, condena aqueles que organizam a prostituição ou lucram com as atividades de prostitutas, mas não bane a prostituição em si” (GIDDENS, 2012, p. 427). No entanto, a relação do trabalho vai muito além e muitos países autorizam algumas práticas e restringem outras,

Em Outubro de 1999, o Parlamento Holandês transformou a prostituição em uma profissão oficial para o número estimado em 30 mil mulheres que trabalham na indústria do sexo. Todos os locais onde se vende sexo podem ser regulamentados, licenciados e inspecionados pelas autoridades locais. Entretanto, apenas alguns países licenciam homens (GIDDENS, 2012, p. 428).

Hoje entendemos que existe uma indústria global do sexo. Os sociólogos e sociólogas estudam a prostituição como uma forma de trabalho sexual. Essa indústria acopla outros fenômenos da esfera do trabalho, uma vez que “crianças e adultos historicamente são forçados a trabalhar com o sexo” (GIDDENS, 2012, p. 428). Entretanto, apesar dos trabalhos sexuais serem marcados principalmente por mulheres pobres que sofreram traumas e não tiveram outras possibilidades, é possível encontrar muitas mulheres vindas de classe média e alta. Muitas atingem um *status* social do qual não querem sair e se dizem satisfeitas com a profissão que escolheram. Por isso, muitas profissionais do sexo procuram uma forma de garantirem seus direitos, através da coletivização por meio de sindicatos, inclusive para proteger a profissão e poder ajudar a acabar com a exploração e abuso na indústria de serviços sexuais (GIDDENS, 2012).

Nesta perspectiva, muitas feministas fazem campanhas contra essa indústria, “considerando-a degradante para as mulheres, extremamente ligada ao abuso sexual e à dependência de droga e essencialmente enraizada na subordinação das mulheres aos homens” (GIDDENS, 2012, p. 429). Porém, recentemente algumas feministas reavaliaram essa perspectiva, considerando o fato de que muitas mulheres estão satisfeitas com seu trabalho e não representam o estereótipo dado às mulheres que trabalham com o sexo. Na sessão reflexão crítica presente nesse tópico, o autor lança a seguinte questão: “O que as abordagens feministas podem acrescentar ao nosso entendimento atual do trabalho das

profissionais do sexo?” (GIDDENS, 2012, p. 429).

Uma questão bastante pertinente encontrada no texto fala a respeito do falso ideal que diz “homens simplesmente têm necessidades sexuais mais fortes, ou mais persistentes, do que as mulheres e, portanto, necessitem das válvulas de escape que a indústria do sexo proporciona. Porém essa explicação é implausível”. (GIDDENS, 2012, p. 429).

No tópico *Gênero*, o autor começa abordando que a natureza de ser homem e ser mulher representa muito interesse para os “sociólogos”, visto que, não se pode classificá-los com tanta facilidade. Explica-se que essa seção examinará as origens das diferenças entre homens e mulheres, começando com as definições dos conceitos sexo e gênero.

De um modo geral, os sociólogos usam o termo “sexo” em referência às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem corpos masculinos e femininos. O Gênero, por outro lado, diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres (GIDDENS, 2012, p. 430).

Outro tópico presente neste capítulo é *gênero e biologia*, o questionamento se dá em torno de compreender se as diferenças são ou não naturais. Algumas teorias defendem que os fatores naturais são responsáveis pelas desigualdades entre os gêneros que caracterizam a maioria das sociedades. Porém, muitos/as outros/as pesquisadores/as não concordam e não se convencem com esse argumento. “Os críticos observam que as teorias da “diferença natural” costumam se basear em dados sobre o comportamento animal, em vez de evidências antropológicas ou históricas sobre o comportamento humano, que mostram variação ao longo do tempo e lugar” (GIDDENS, 2012, p. 431).

Outra forma para o entendimento das diferenças entre os gêneros é a socialização dos gêneros, “a aprendizagem dos papéis dos gêneros com a ajuda de agências sociais como a família e a mídia” (GIDDENS, 2012, p. 431). As pessoas nascem com o “gênero biológico” e desenvolvem o “gênero social”. Essa teoria da socialização dos gêneros costuma ser favorecida pelos funcionalistas “que acreditam que garotos e garotas aprendem “papéis sexuais” e as identidades masculina e feminina – masculinidade e feminilidade – que os acompanham” (GIDDENS, 2012, p. 431).

No entanto, essa teoria é bastante criticada pela sua rigidez. “Muitos autores argumentam que a socialização do gênero não é um processo inerentemente tranquilo. “Agências diferentes, como a família, escolas e grupos de amigos podem ser contraditórios” (GIDDENS, 2012, p. 431). Desta forma, o autor deixa claro seu posicionamento com relação ao indivíduo, que não pode ser excluído das percepções como algumas teorias sugerem. As pessoas são sujeitos ativos e podem criar e modificar os papéis para si mesmos (GIDDENS, 2012).

O fato é que vivemos em um mundo sexista e separado por divisões de gênero, e o tratamento dado a homens e mulheres se difere em diversos aspectos. Pesquisadores/as feministas ressaltam como produtos culturais e da mídia incorporam as posturas tradicionais em relação ao gênero.

As tecnologias reprodutivas também são brevemente analisadas nesse capítulo. Os métodos contraceptivos mudaram fundamentalmente a vida das mulheres e conseqüentemente das famílias. São descritos nesse tópico debates sobre o parto, a engenharia genética, que traz uma breve discussão sobre bebês projetados, e sobre o aborto.

O livro retoma o debate sobre a construção social do gênero e do sexo, pois nos últimos anos “as teorias sobre a socialização e os papéis dos gêneros foram criticadas por um número cada vez maior de sociólogos” (GIDDENS, 2012, p. 436). Argumentam que,

Devemos considerar o sexo e o gênero como produtos socialmente construídos. Não apenas o gênero é uma criação puramente social, que carece de uma essência fixa, como o próprio corpo humano está sujeito a forças sociais que o moldam e alteram de várias maneiras (GIDDENS, 2012, p. 436).

As imagens apresentadas abaixo dizem respeito à interação social. O comportamento do rapaz e da moça na primeira imagem corresponde ao esperado socialmente e se invertem na segunda imagem, fazendo uma brincadeira com as relações de gênero esperadas através do comportamento dos indivíduos:

**Figura 9.A** - Dimensão de gênero existe em qualquer interação social. Mesmo a maneira como as pessoas se sentam demonstra uma socialização generificada.



**Figura 9.B** - Dimensão de gênero existe em qualquer interação social. Mesmo a maneira como as pessoas se sentam demonstra uma socialização generificada.



Fonte: Giddens (2012, p. 436-437).

As pessoas podem escolher moldar seus corpos de diversas formas, realizando cirurgias plásticas, operação de mudança de sexo e até mesmo usando *piercings*, malhando, fazendo dietas e etc. O corpo e a sua aparência dependem significativamente das escolhas pessoais e dos contextos históricos e sociais no qual estão envolvidos. Neste conjunto o autor se utiliza de teóricas como Connel (1987), Scott e Morgan (1993) e Butler (1990).

<sup>11</sup> As imagens acima refletem que a dimensão de gênero existe em qualquer interação social. Mesmo a maneira como as pessoas se sentam demonstra uma socialização generificada. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 436-437).

Com relação à abordagem das masculinidades e às relações de gênero, engloba-se uma discussão importante, que têm levantado muitos estudos sociológicos. Com relação à subordinação feminina na sociedade, esta não pode ser entendida como unidade sem trazer também as análises sobre a masculinidade e a formação da identidade masculina, “as mudanças fundamentais que afetam o papel das mulheres e os padrões familiares nas sociedades industrializadas levantaram questões sobre a natureza da masculinidade e seu novo papel na sociedade” (GIDDENS, 2012, p. 437). Isto porque as interações entre homens e mulheres são padronizadas socialmente, e acarreta impactos no contexto social como um todo, um sendo afetado pelo outro.

Um dos destaques no capítulo é dado à pesquisa de R.W. Connell (1997, 2001 e 2005), sobre a dinâmica de gênero, que tem sido particularmente influente na sociologia. A autora levanta conceitos sobre o patriarcado e a masculinidade e procura entender como o poder social dos homens cria e sustenta a desigualdade de gênero. O destaque também é dado no quadro *Usando sua imaginação sociológica*, onde é apresentada a pesquisa “Educação e a formação da masculinidade e da sexualidade”, de Máirtín Mac an Ghail (1994), uma pesquisa etnográfica que foi realizada em uma escola secundarista pública britânica, que analisou o regime de gênero instituído na escola (GIDDENS, 2012).

Nesse capítulo, para exemplificar a natureza da desigualdade de gênero na sociedade, são trazidas as diversas abordagens teóricas sobre o tema. Uma dessas abordagens é a funcionalista, “que enxerga a sociedade como um sistema de partes interligadas que, quando em equilíbrio, operam corretamente para gerar solidariedade social” (GIDDENS, 2012, p. 441). Na perspectiva funcionalista, busca-se mostrar que as diferenças de gênero contribuem para a estabilidade e a integração da sociedade. Porém, ao passo que esta visão tenha recebido muito apoio, também foi alvo de muitas críticas, principalmente “por negligenciarem as tensões sociais em detrimento do consenso e por promulgarem uma visão conservadora do mundo social” (GIDDENS, 2012, p. 441). As feministas em especial criticam fortemente as visões com bases biológicas dadas pelos funcionalistas, argumentando que “não existe nada natural ou inevitável na alocação de tarefas na sociedade” (GIDDENS, 2012, p. 441).

O movimento feminista segue uma teoria essencial que tenta

explicar a desigualdade para poder propor agendas de superação das mesmas. Todavia, as teorias feministas também se opõem notavelmente e algumas escolas opostas buscam explicar as desigualdades de gênero “por meio de uma variedade de processos sociais profundamente arraigados, como o sexismo, o patriarcado e o capitalismo” (GIDDENS, 2012, p. 441). O feminismo liberal procura explicações em posturas sociais e culturais. Giddens ainda afirma que,

As feministas liberais não consideram a subordinação das mulheres como parte de um sistema ou estrutura maior. Ao contrário, elas chamam a atenção para muitos fatores distintos que contribuem para as desigualdades entre homens e mulheres. Por exemplo, nas últimas décadas, as feministas liberais lutaram contra o sexismo e a discriminação das mulheres nos locais de trabalho, instituições de trabalho e na mídia (GIDDENS, 2012, p. 442).

As críticas relacionadas a elas se referem ao fato de “não reconhecerem a natureza sistêmica da opressão das mulheres na sociedade” (GIDDENS, 2012, p. 442). É como se apenas um dos lados fosse analisado, o que contribui para um resultado fragmentado e distorcido com relação ao todo.

O feminismo socialista e marxista desenvolveu-se a partir da teoria de Marx, embora o próprio Marx nada tenha falado sobre a desigualdade de gênero. Foi Friedrich Engels quem apresentou uma narrativa da igualdade de gênero a partir da perspectiva marxista. Engels faz seus estudos baseando-se na ideia de que o patriarcado tem suas origens na própria propriedade privada e que o capitalismo acentua a propriedade privada, e, portanto, o patriarcado perpetua a dominação dos homens sobre as mulheres (GIDDENS, 2012).

As feministas socialistas lutam pela reestruturação da família, pelo fim da escravidão doméstica e a introdução de algum meio coletivo de criar os filhos e cuidar da casa. Seguindo Marx, muitas argumentam que essas metas seriam alcançadas por meio de uma revolução socialista, que produziria a igualdade verdadeira em uma economia centrada no Estado, projetada para satisfazer a necessidades de todos (GIDDENS, 2012, p. 442).

A questão levantada por outros críticos é que a desigualdade de gênero ultrapassa a sociedade capitalista. Isso significa que a revolução socialista não garante uma sociedade sem desigualdades de gênero. O feminismo radical tem a crença de que os homens são responsáveis e se beneficiam com a exploração das

mulheres. A análise do patriarcado é o principal objeto de estudo do feminismo radical. Segundo a visão de algumas feministas radicais, “a violência doméstica, o estupro e o assédio sexual fazem parte da opressão sistemática das mulheres, em vez de serem casos isolados com raízes psicológicas ou criminais próprias” (GIDDENS, 2012, p.442).

Uma das maiores críticas ao feminismo radical é o fato de que elas “tendem a alegar que o patriarcado existiu ao longo da história e em culturas diferentes – que é um fenômeno universal” (GIDDENS, 2012, p. 443). As feministas radicais acabam anulando as influências que “raça, classe ou etnia podem ter sobre a natureza da subordinação das mulheres” (GIDDENS, 2012, p. 443).

O feminismo negro surgiu pelo sentimento de muitas mulheres negras não se enxergarem no debate das diversas teorias do feminismo. Essa insatisfação levou a um movimento de mulheres que passaram a pensar problemas específicos que as mulheres negras enfrentavam.

Elas argumentam que as divisões étnicas entre as mulheres não são consideradas entre as principais escolas feministas de pensamento, que são orientadas para os dilemas de mulheres brancas e predominantemente de classe média que viviam nas sociedades industrializadas (GIDDENS, 2012, p. 443).

As feministas negras afirmam que não há como levar em consideração qualquer discussão sobre a desigualdade de gênero, sem levar em consideração o racismo, para explicar a opressão das mulheres negras de maneira adequada. Outro fator que não pode ser negligenciado em relação às mulheres negras são as relações de classe, visto que a desigualdade social com relação à cor da pele coloca a mulher negra em desvantagem na posição da hierarquia de classe.

O feminismo pós-moderno também desafia a ideia de que existe uma base unitária de identidade e de experiência compartilhada por todas as mulheres (GIDDENS, 2012, p. 444). Como o próprio nome coloca, essa linha do feminismo é influenciada pelo pós-modernismo. “As feministas pós-modernas rejeitam a alegação que exista uma grande teoria que possa explicar a posição das mulheres na sociedade, ou que possa haver uma essência ou categoria única e universal de mulher” (GIDDENS, 2012, p. 444).

Essa teoria incentiva a aceitação de muitos pontos de vista, levando

em consideração a alteridade, que simboliza a pluralidade, a diversidade, a diferença e a abertura. Elas enfatizam a importância da desconstrução, “em particular elas buscam desconstruir a linguagem masculina e a visão masculina do mundo” (GIDDENS, 2012, p. 445). Isso porque, segundo as feministas pós-modernas, “os homens enxergam o mundo em termos de pares ou distinções binárias (bom-mau, certo-errado, bonito-feio), o que acaba por entender as mulheres como desvio do normal” (GIDDENS, 2012, p. 445).

No capítulo dezesseis, *Religião*, há um tópico sobre o cristianismo, gênero e sexualidade. Apresentando que as mulheres também são excluídas do poder nas instituições religiosas, relata-se a luta das mulheres em busca dos direitos de igualdade nessas instituições e levantam-se também algumas questões sobre a homossexualidade e o sacerdócio. Na breve passagem sobre religião e gênero podemos verificar a imagem de uma mulher no sacerdócio, um passo controversa para muitos membros da igreja anglicana.

**Figura 10** - Imagem diz a respeito da abertura do sacerdócio para as mulheres.



Fonte: Giddens (2012, p. 495).

“Em 2005 um quinto dos sacerdotes da igreja da Inglaterra é composto por mulheres, e estima-se que logo haverá mais mulheres do que homens ocupando a posição” (GIDDENS, 2012, p. 495).

O capítulo dezoito, *Organizações e Redes*, trás uma breve discussão no tópico: *organizações econômicas* sobre a discussão das mulheres e a corporação, onde o autor relata que “com a influência do feminismo na década de 1970, levou-se a análises das relações de gênero em todas as principais instituições da sociedade, incluindo as organizações e a burocracia” (GIDDENS, 2012, p. 570).

Os estudos organizacionais não se dedicavam muito à questão de gênero. Nessa perspectiva as feministas argumentavam que a emergência da organização moderna e da carreira burocrática dependia de uma determinada configuração de gênero. Isto porque, duas questões complexas ainda eram colocadas de lado na estrutura das organizações modernas: havia uma segregação ocupacional entre gêneros e as mulheres eram mal remuneradas e ainda dependiam

---

<sup>12</sup> Imagem diz a respeito da abertura do sacerdócio para as mulheres, um passo controverso para muitos membros da igreja anglicana. Imagem retirada do livro *Sociologia* 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 495).

de trabalhos de rotineiros. As mulheres eram usadas como fonte de mão de obra barata e não tinham a mesma oportunidade de carreiras. Através da luta algumas coisas mudaram, porém, as mulheres ainda são alvo de mão de obra barata. E o gênero é ainda tratado como questão específica e não como caráter generalizado. “Isso sugere que as teorias feministas ainda precisam ser incluídas nas principais linhas de estudo dessas subdisciplinas” (GIDDENS, 2012, p. 571).

Já no capítulo dezenove, *Educação*, temos o campo *gênero e escolarização*. Registra-se que, no passado, a educação e o currículo escolar formal nas sociedades desenvolvidas se diferenciavam ao longo de linhas de gênero. As meninas no final do século XIX aprendiam coisas relacionadas com a vida doméstica, enquanto os meninos aprendiam matemática básica e se esperava que adquirissem as habilidades necessárias para o trabalho. Aos poucos as mulheres foram conquistando novos lugares nas cadeiras escolares. Porém, o alcance da educação superior para as mulheres foi bastante lento, sendo significativo apenas nas décadas de 1960 e 1970 (GIDDENS, 2012, p. 604).

Atualmente, mesmo sem separações visíveis, ainda existem, de maneira implícita, diversas implicações das diferenças de gênero. Na participação nos esportes, por exemplo, predominam-se os meninos. Ainda podemos encontrar formas de perpetuar as diferenças de gênero na educação, como “as expectativas do professor, rituais escolares e outros aspectos do currículo oculto” (GIDDENS, 2012, p. 604). Os livros didáticos podem ajudar na perpetuação das imagens de gênero.

O autor faz referência à socióloga Becky Francis (2000), sobre sua pesquisa em que as meninas são mais incentivadas a cursar disciplinas menos prestigiosas do ponto de vista acadêmico (GIDDENS, 2012, p. 604). Quando falamos em desempenho, podemos avaliar que as mulheres estão superando os homens ao longo de todo nível educacional nos países Ocidentais. “No século XX, as meninas tendiam a superar os meninos em termos de resultados escolares até alcançarem os anos intermediários [...] na universidade eles se saíam melhor” (GIDDENS, 2012, p. 604). A partir da década de 1990 a história se modificou e hoje “as meninas superam os meninos em todas as áreas disciplinares e em todos os níveis educacionais britânicos” (GIDDENS, 2012, p. 605). Vários fatores podem ter influenciado esse fator, como o fato de homens estarem chegando menos ao ensino

superior, como as questões sociais de ligados ao crime, desemprego, drogas, pois, envolvem mais homens do que mulheres. O autor faz referência a Mac an Ghail (1996), a respeito da sua pesquisa que observa que,

Embora muitas mulheres estejam entrando no mercado de trabalho, os empregos que elas têm obtido não são em carreiras profissionais. De fato as mulheres ainda formam a avassaladora maioria dos trabalhos temporários, e o trabalho de prestação de serviços que fazem costuma ser relativamente mal remunerados e ter pouco *status* (GIDDENS, 2012, p. 605).

**Figura 11** - Imagem diz a respeito da superação das meninas em reação aos meninos em todos os níveis da educação e na maioria das disciplinas.



13

**Fonte:** Giddens (2012, p. 604).

A influência de movimentos sociais fez muita diferença para essa guinada feminina na educação. Hoje as meninas crescem com muitos exemplos de mulheres trabalhadoras, a consciência sobre a discriminação de gênero, também se pode dizer que ocorreu em grande parte, por conta do feminismo, com relação aos professores/as e pedagogos/as.

No ensino superior, houve uma explosão em relação ao aumento de

<sup>13</sup> Imagem diz a respeito da superação das meninas em reação aos meninos em todos os níveis da educação e na maioria das disciplinas. Imagem retirada do livro Sociologia 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 604).

estudantes do sexo feminino, “no Reino Unido em 2004/2005, havia sete vezes mais mulheres na educação superior do que em 1970/1971, mas apenas duas vezes e meia o número de homens” (GIDDENS, 2012, p. 608). Porém, diversas pesquisas ainda sugerem que a escolha das disciplinas é fortemente marcada por normas de gênero convencionais (GIDDENS, 2012).

Desta maneira, é bastante significativa a influência do feminismo nas instituições educacionais nos últimos quarenta anos nas sociedades ocidentais. O que é muito importante, porque as instituições educacionais são fundamentais para a conquista de uma sociedade mais justa e igualitária.

O último capítulo que destaca as relações de gênero é o capítulo vinte, *Trabalho e vida econômica*, no tópico *transformação e organização social do trabalho*, no quadro *estudos clássico*, nos é apresentada a pesquisa de Ann Oakley (1974) sobre o trabalho doméstico e o papel da dona de casa. A imagem do tópico já diz muita coisa, retratando um casal, onde a mulher faz os afazeres domésticos enquanto o homem lê o jornal sentado no sofá.

**Figura 12** - Imagem diz a respeito dupla jornada enfrentada por muitas mulheres, em casa e no trabalho remunerado.



14

**Fonte:** Giddens (2012, p. 630).

O trabalho de Ann Oakley sobre o trabalho doméstico e o papel da dona de

<sup>14</sup> Imagem diz a respeito dupla jornada enfrentada por muitas mulheres, em casa e no trabalho remunerado. Imagem retirada do livro *Sociologia* 6ª edição de Anthony Giddens (GIDDENS, 2012, p. 630).

casa nas sociedades Ocidentais, foi influente nas décadas de 1970, para a sociologia e sua aproximação com os estudos feministas. Isto porque antes da década de 1970, os trabalhos sociológicos sobre o trabalho se concentravam em trabalhos públicos, ignorando a esfera doméstica, pressupondo simplesmente que o trabalho doméstico era assunto privado (GIDDENS, 2012).

O tópico *o gênero e a “feminização do trabalho”* começa com a afirmação de que no decorrer da história homens e mulheres contribuíram para produzir e reproduzir o mundo social ao seu redor, porém, a distribuição se deu de diferentes formas. Na maioria dos lugares do mundo as mulheres formam pelo menos metade da força de trabalho (GIDDENS, 2012, p. 638).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da minha caminhada acadêmica participei de um grupo de estudos e comecei a minha primeira pesquisa de Iniciação Científica. Eu trazia uma paixão pelos fatos históricos e me aproximei do GEPAL<sup>15</sup> e da professora Dra. Renata Gonçalves, com quem iniciei minha primeira pesquisa, onde permaneci por dois anos. Foi nesta ocasião que descobri o movimento feminista, e pude ter a ideia do tamanho da desigualdade de gênero que existe, desde então nunca mais me separei desta temática.

A partir do 6º semestre começamos as disciplinas de metodologia e educação, que me seduziram imediatamente. Enxerguei na educação muitos problemas e desafios crônicos, porém, também enxerguei possibilidades necessárias para construção de uma sociedade mais justa, crítica e reflexiva. A associação da educação com os estudos de gênero aconteceu quase naturalmente com minhas práticas diárias de aprendizagem. Meu artigo para concluir a licenciatura tratou de possíveis aspectos das questões de gênero, que podiam possibilitar o debate sociológico na disciplina.

Após a licenciatura ainda tive a oportunidade de participar mais uma vez de um projeto que estava em andamento, desta vez com a professora Dra. Silvana Aparecida Mariano, cujo objeto de estudo era a “Autonomia das mulheres titulares do programa social, Bolsa Família”. Na especialização *Docência na educação superior*, também estou trabalhando nas relações dos estudos de gênero com o ensino superior.

Os estudos e investigações para a construção deste trabalho, em especial, iniciaram com minhas indagações nas aulas de metodologia para a licenciatura. Os aspectos com relação às questões de gênero são muito pertinentes nas Ciências Sociais, pensar na complexidade da temática de gênero e suas possíveis relações com a estrutura e a dinâmica da Sociologia como fenômeno educacional, foi muito instigante para a estruturação e elaboração deste trabalho.

Para buscar respostas as problemáticas que foram propostas, foi preciso muitas referências teóricas, porém, devido a minha inexperiência e devido

---

<sup>15</sup> Grupo de estudos políticos da América Latina

ao tempo de pesquisa – que sempre parece pouco –, não utilizei tantas referências que deveria. Foram utilizadas autoras que discutem o conceito de gênero e suas articulações com sociologia e aqueles que problematizam a sociologia e o feminismo nos contextos atuais.

O livro do Giddens trabalha com os conceitos fundamentais da Sociologia, a exemplo de trabalho, luta de classes, cultura, linguagem, política e político, sexualidade e as instituições sociais. Podemos verificar a contextualização das temáticas de gênero nos conceitos fundamentais, o resultado dessa pesquisa foi muito otimista para trabalhar a questão de gênero em sala de aula, visto que, podemos notar o gênero de forma essencial e não como caráter generificado.

Dos vinte e três capítulos analisados doze capítulos abordam as questões de gênero relacionando-as com o contexto que é discutido no capítulo, como: fundadores da sociologia, trabalho, família, globalização, religião, entre outros que foram apresentados. A influência do feminismo é inegável nesta obra, já que o próprio fato de se tratar de um autor que já vem se desenhando há algum tempo para a temática da sexualidade e das transformações da intimidade, contribuíram positivamente para o meu olhar sobre o livro.

As abordagens adotadas pelo autor sobre esses conceitos dialogam com as contribuições derivadas das perspectivas feministas a todo o momento, com uma sensibilidade para as novas transformações sociais do mundo moderno. Podemos visualizar ao percorrer esta obra, que os estudos feministas têm logrado, mesmo que de forma tímida, algum êxito aos conceitos sociológicos fundamentais, como estratificação social e de classes. Isto porque, anteriormente esses fenômenos não eram analisados sobre a perspectiva de gênero. O trabalho também parte de um olhar particular para as questões feministas, que não possui o um diagnóstico tão preciso sem a mesma, pois traz uma ampliação para explicativa do conhecimento sociológico. É possível encontrar contribuições dos estudos feministas do pós-estruturalismo, pensando em uma sociedade, com indivíduos e grupos com experiências diferentes. Conseguimos identificar, em um âmbito geral, que o autor leva em consideração o privado que é na verdade público “Do lar ao Estado”. Mesmo inconscientemente, foi inevitável comparar o livro e suas inúmeras possibilidades de diálogo com a sociologia e os estudos de gênero, com a minha própria formação acadêmica, o quanto se encontrou oculto às temáticas de gênero

em temas cruciais, dentro da ciência política, da antropologia, da sociologia, das questões de classe, de trabalho entre outras.

As possibilidades encontradas foram muitas, desde a discussão, específica de gênero, da família e dos relacionamentos íntimos e sobre a homossexualidade, encontramos a discussão possível, desde os estudos clássicos, às perspectivas sociológicas, fenômenos da vida urbana e das cidades, nas interações sociais, na identidade, no corpo, do público para o privado, nos estudos sobre aprendizagem, na feminilização da velhice, nas discussões sobre o trabalho, temáticas sobre doenças e saúde, sobre a estratificação social, classe social entre tantas outras temáticas levantadas pelo autor.

Um dos alcances feministas encontrados no livro é a respeito dos estudos sobre a velhice. Podemos perceber grande influência dos estudos de gênero, que lançam novos resultados a partir desta perspectiva, possibilitando pesquisas mais específicas e completas.

A influência e os alcances práticos e teóricos do feminismo são inegáveis, desde, o primeiro capítulo, o autor resalta alguns dilemas teóricos das ciências sociais, entre eles, resalta a existência de uma negligência das questões de gênero, defendendo que as questões de gênero devem ser incorporadas nas análises sociológicas. Giddens sugere um alcance teórico comum com a perspectiva pós-estruturalista, levantando a questão da dominação pelo masculino em nossa sociedade. Ele faz referência a autoras como Joan Scott, Nancy Chodorow, Donna Haraway, Judith Butler, Vera Lúcia Zammuner, entre outras, as quais caminham juntas ao longo dos apontamentos levantados pelo autor.

O diálogo em torno da família tem um destaque bastante amplo na obra como um todo e, por isso mesmo, é muito difícil falar sobre a família e suas relações sem apontar para as questões de gênero e sexualidade. Ele parte de uma análise das transformações dos modelos de famílias, pelo aumento do poder econômico das mulheres, divórcio, direito a escolha do modelo familiar. O trabalho, na transformação a organização social do trabalho. O papel da dona de casa, na linha de produção industrial, levanta também a questão como a feminização do trabalho. A temática do trabalho também está presente em alguns capítulos, onde se relata, por exemplo, o crescimento da atividade econômica feminina, sobre a segregação feminina no trabalho e o trabalho doméstico. Encontramos a discussão

presente na relação com a religião, e sobre o cristianismo, o gênero e sexualidade. É muito interessante que os apontamentos se deem em uma perspectiva histórica e social.

Alguns capítulos não trouxeram a perspectiva de gênero em destaque. Capítulos que poderiam trazer análises essenciais, tais como a pobreza, que é colocada por diversas autoras, que a pobreza possui “raça e gênero”, tamanha relevância que os estudos de gênero apontam.

A exclusão social, as desigualdades globais, raça, mídia, crime, movimentos sociais e guerra, também poderiam enriquecer o aporte teórico com as temáticas de gênero, visto que a mídia, por exemplo, é uma peça fundamental para análise dos papéis atribuídos socialmente, esses capítulos passam sem destaque para as categorias de análise da perspectiva de gênero.

Bastante instigante também na obra de Giddens são as imagens encontradas por todo livro, é possível, encontramos discussões apenas com imagens.

Foi muito rico poder analisar uma obra tão significativa como a de Giddens, que já está na sua 6ª e já fora traduzido para diversas línguas. Vale destacar ainda, que noções prévias como: sexualidade como sinônimo de gênero; estereótipo a respeito da participação feminina no livro de introdução a sociologia foram problematizadas em diversos momentos durante o desenvolvimento da pesquisa.

Notamos, por meio de nossas análises que alguns aspectos considerados importantes foram deixados de lado na perspectiva do autor, como, por exemplo, o diálogo sobre pobreza, o diálogo sobre a mídia, sobre as guerras não trouxe um diagnóstico com relação à temática de gênero. Após a análise dos resultados obtidos com as leituras do livro, como todo o processo investigativo, considero que a proposta de ensino de sociologia pode ser construída de maneira diferenciada e significativa, visto que, as relações com as questões de gênero e os tantos outros temas que percorre a sociologia, pode acrescentar novas perspectivas. Ou seja, é possível relacionar os conhecimentos da área e sensibilizar futuros docentes a um trabalho pedagógico com a temática de gênero.

Concluo que os livros de introdução à sociologia podem ser construídos e aplicados com grandes potencialidades para ser incorporado no

currículo de cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, em suas três perspectivas: Sociologia, Antropologia, e Política. Acreditamos que nossa proposta de ensino é plausível. Ressalte-se, ainda, há necessidade de avaliarmos outros livros de introdução à sociologia para ampliar a visão de um livro de introdução como instrumento de aprendizagem.

Abre-se também um leque para uma próxima pesquisa: analisar as práticas docentes em relação à temática dos estudos de gênero, com a possibilidade de trabalhar com esta análise no ensino superior para a área de licenciatura e da influência do feminismo no currículo dos cursos de Ciências Sociais, possibilitando proporcionar outros tipos de produções.

Os estudos de gênero possibilitam novos ângulos de compreensão dos fenômenos sociais, são amplas as contribuições para o alargamento das análises nas Ciências Sociais. As dificuldades foram muitas. Lidar com o conhecimento científico e confrontá-lo, analisá-lo não são tarefas das mais fáceis. Os olhares de gênero podem apontar dados essenciais e alcançar dados antes ocultos, o que consente em novas análises sobre o mesmo objeto, análises mais precisas e objetivas. Ter o domínio sobre os aspectos reais dos objetos analisados possibilita uma maior forma de transformação, tanto por parte dos agentes sociais como por parte do estado.

## **REFERÊNCIAS**

CEREGATTI, Alessandra. La militarización y el patriarcado tiene una estrecha relación. **America Latina em Movimento**. v. 2, n. 457, p. 24-30, 2009.

GIDDENS, Anthony. Sociologia; tradução: Ronaldo Cataldo Costa. - 6ª. Ed. – Porto Alegre: Penso, 2012.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 13-34, 2006.

MARIANO, Silvana A. Modernidade e crítica da modernidade: A Sociologia e alguns desafios feministas às categorias de análise. **Cadernos Pagu**. v. 30, p. 345-372, jan./jun. 2008

MORAES, Maria Lygia Q. de, **Marxismo e feminismo no Brasil**. Coleção Primeira versão. Campinas: Unicamp, 1996.

NOGUEIRA, Daniela M. **Gênero e sexualidade na educação**. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>>. Acesso em: 20 abr. de 2012.

SAYÃO, Deborah T. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n.01, p. 121-149, jan./jun. 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** *Crítica Marxista*, nº 11, 2000, pp.71-75.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 173-186, jan./abr. 2008

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.